



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE FLUMINENSE
DARCY RIBEIRO – UENF
CENTRO DE CIÊNCIAS DO HOMEM – CCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COGNIÇÃO E
LINGUAGEM - PPGCL**

**O PROCESSO DE CRIAÇÃO E COMPOSIÇÃO DO CANTAR DA FOLIA DE
REIS: UMA EXPERIÊNCIA “MUSISSACRÁ” NA CULTURA DE CARDOSO
MOREIRA**

JORGE RAY DA SILVA GOMES

CAMPOS DOS GOYTACAZES - RJ

MAIO/2018

O PROCESSO DE CRIAÇÃO E COMPOSIÇÃO DO CANTAR DA FOLIA DE REIS: UMA EXPERIÊNCIA “MUSISSACRA” NA CULTURA DE CARDOSO MOREIRA.

JORGE RAY DA SILVA GOMES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Cognição e Linguagem, do Centro de Ciência do Homem - CCH da Universidade Estadual Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF, como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Cognição e Linguagem.

Orientador Prof. Dr.: Giovane do Nascimento

**CAMPOS DOS GOYTACAZES – RJ
MAIO – 2018**

FICHA CATALOGRÁFICAPreparada pela Biblioteca do **CCH / UENF**

042/2018

G633 Gomes, Jorge Ray da Silva.

O processo de criação e composição do cantar da Folia de Reis : uma experiência “musissacra” na cultura de Cardoso Moreira /Jorge Ray da Silva Gomes. – Campos dos Goytacazes, RJ, 2018.

141 f. : il

Bibliografia: f. 105 – 108.

Dissertação (Mestrado em Cognição e Linguagem) – Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Centro de Ciências do Homem, 2018.

Orientadora: Giovane do Nascimento

1. Folia de Reis. 2. Devoção. 3. Cultura popular – Cardoso Moreira (RJ). Patrimônio Imaterial. I. Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. II. Título.

CDD – 400

O PROCESSO DE CRIAÇÃO E COMPOSIÇÃO DO CANTAR DA FOLIA DE REIS: UMA EXPERIÊNCIA “MUSISSACRA” NA CULTURA DE CARDOSO MOREIRA

JORGE RAY DA SILVA GOMES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Cognição e Linguagem, do Centro de Ciência do Homem - CCH da Universidade Estadual Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF, como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Cognição e Linguagem.

APROVADO: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Professor Doutor Giovane do Nascimento (Políticas Públicas – UERJ)
Presidente / Orientador
Universidade Estadual Norte Fluminense Darcy Ribeiro

Professora Doutora Elisabeth Soares da Rocha (Educação Universidade – UFF)
Instituto Federal Fluminense

Professora Doutora Lilian Sagio Cezar (Antropologia Social – USP)
Universidade Estadual Norte Fluminense Darcy Ribeiro

Professora Doutora Shirlena Campos de Souza Amaral (Ciências Sociais e Jurídicas UFF) Universidade Estadual Norte Fluminense Darcy Ribeiro

Dedico este trabalho à Folia de Reis Cardosense e a toda a comunidade de Cardoso Moreira – RJ. Obrigado por tudo.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente ao Deus no qual confio e acredito nesta força de cada dia que venho recebendo para vencer tantas etapas, aos familiares, pela paciência de superar a disposição e aproveitar ao máximo o tempo possível perto de mim entendendo de forma ampla que precisava desse “plantio” para uma boa “colheita” das experiências ao longo desses anos. De forma especial, aos Foliões Cardosenses que me acolheram como um parceiro dessa cultura, mesmo sabendo que cheguei posteriormente e tão somente ajudei a incentivar o prolongamento da caminhada em nome deste representado por Erenilton (Mestre Belô), pela atenção e por abrir as portas para uma boa comunicação na pesquisa, atenção, generosidade, disposição, entre diversos momentos os quais acompanhei, fruto de grande devoção aos Três Reis Magos e Santos.

Agradeço com grande apreço ao meu orientador Giovane, por me incentivar, direcionar, e, principalmente, ensinar da forma mais sutil e cuidadosa, o comportamento nas pesquisas, com ética e, principalmente, com muito respeito e dedicação. As dificuldades foram mínimas com a ajuda deste grande professor-orientador, o aspecto humano e a sua simplicidade são marcas que jamais esquecerei para a vida, principalmente, como pesquisador.

Aos participantes da comunidade da Folia, que assistem na cidade de Cardoso Moreira, sempre presentes, com vontade de participar dentro de suas limitações religiosas e sociais e, sobretudo, entendendo que a cultura prevalece sobre a vaidade.

À UENF pela oportunidade que me foi concedida para a realização da pesquisa.

Aos professores que me direcionaram durante o trajeto, na busca da formação com disciplinas regulares, em especial, à banca na qualificação de projeto.

Aos amigos produtores do documentário “escolinha de foliões cardosense”, Miguel Fiuzza e Tiago (jornalista) no qual se tornaram comigo os principais responsáveis pela vitória do Edital 2017 do Ministério da Cultura – Leandro de Barros.

Obrigado a todos que, de forma direta ou indireta, tornaram este sonho realidade, às formas de expressões de carinho e aprendizado proporcionado a mim, e às oportunidades de iniciar mais esta etapa cultural na sociedade Cardosense.

SILVA GOMES, Jorge Ray. **O PROCESSO DE CRIAÇÃO E COMPOSIÇÃO DO CANTAR DA FOLIA DE REIS: UMA EXPERIÊNCIA “MUSISSACRA” NA CULTURA DE CARDOSO MOREIRA- CAMPOS DOS GOYTACAZES**. 2018. 135f. Dissertação (Mestrado em Cognição e Linguagem) Centro de Ciências do Homem, Universidade Estadual do Norte Fluminense “Darcy Ribeiro”, Campos dos Goytacazes, 2018.

RESUMO

A dissertação aborda a Folia de Reis de Cardoso Moreira, único patrimônio histórico imaterial da cidade, com enfoque na cultura musical, em busca de compreender a relação do folgado religioso na cultura da cidade e suas influências musicais na informalidade do aprendizado destes foliões tocadores, compositores e palhaços. O ritual do ciclo da Folia de Reis Cardosense se tornou a base para a observação desta relação musical entre canto e religião, explicado na visitação dos Três Reis Magos ao menino Jesus em um processo bíblico, assim, interpretamos as formalidades e informalidades deste grupo, evidenciando as principais características dos cantos, das estruturas, da organização e, em complemento, interagindo com as bibliografias nos quesitos folclóricos, festivos e culturais, conceituando de forma a entender e a registrar o patrimônio histórico cultural. A pesquisa foi autorizada pelos participantes, ocorrendo sem interferência nos ciclos festivos e com total respeito aos segredos apontados por eles validados em uma experiência de fé desses devotos. A metodologia utilizada baseou-se na observação participante, entrevistas, grupo focal, relatos de experiências e tendo como resultado o registro de um documentário, cujo desenvolvimento se deu no período de janeiro de 2016 a fevereiro de 2018.

Palavras chaves: Folia de Reis, devoção, cultura popular, cardosense, patrimônio Imaterial.

ABSTRACT

The dissertation brings in its approach Folia de Reis de Cardoso Moreira, the city's unique immaterial historical heritage with a focus on musical culture, in an attempt to understand the relationship of religious folklore in the city's musical culture and its influences on the musical informality of these revelers. The ritual of the Folia de Reis Cardosense cycle became the basis for the observation of this musical relation between singing and religion, explained in the visitation of the Three Kings to the boy Jesus in a biblical process, thus we interpret the formalities and informality of this group, characteristics of the songs, structures, organization, and in complement interacting with the bibliographies in the folkloric, festive and cultural questions, conceptualizing in order to understand and register the cultural historical patrimony. The research was fully authorized by the participants, occurring without interference in the festive cycles, with full respect for the secrets pointed out by them validated in an experience of faith of these devotees. The procedure adopted to obtain the information occurred through the participant methodology, participant observation, interviews, focus group, experiences reports and recorded by a documentary, such development took place from January 2016 to February 2018.

Keywords: Folia de Reis, devotion, popular culture, Cardosense, Intangible heritage.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Figura representativa da cultura popular brasileira	18
Figura 2 – Festa de arremate em Cardoso Moreira - Julho 2016	25
Figura 3 – Bênção das Folias de Reis na Igreja São João Batista Muqui – ES.....	49
Figura 4 – Cantoras das folias na festa de arremate	51
Figura 5 – Festival de Folias em Muqui – ES agosto de 2017	52
Figura 6 – instrumentos da Folia Estrela do Mar de Cardoso Moreira.....	53
Figura 7 – Palhaço da Folia de Reis de Muqui 2017	54
Figura 8 – Palhaço da Folia Estrela do Mar de Cardoso Moreira	55
Figura 9 – mascarás da Folia Estrela do Mar de Cardoso Moreira.....	56
Figura 10 – Palhaços evento ocorrido em Miracema 1997	57
Figura 11 – Mestre “Belo” da Folia Estrela do Mar de Cardoso Moreira.....	59
Figura 12 – Alferes/Bandereiros da Folia de Reis Estrela do Mar	61
Figura 13 – Bandeira em 1958 Estrela do Mar	62
Figura 14 – Presépio da casa do Mestre “Belo”	63
Figura 15 – Folia de Reis Estrela Oriente do Bananal	64
Figura 16 – Folia Estrela do Mar	65

Sumário

INTRODUÇÃO.....	12
CULTURA, IDENTIDADE E FESTAS POPULARES.....	17
1.1. Refletindo sobre os conceitos de cultura popular	17
1.2. Considerações sobre memória cultural	20
1.3. É possível falar em identidade cultural?.....	23
1.4. Festas populares	26
1.5. Aspectos da devoção festiva.....	28
1.6. Resignificando, expandindo e criando as tradições festivas.....	31
PATRIMÔNIO IMATERIAL NO BRASIL.....	37
2.1 Conceituando patrimônio imaterial no Brasil	37
2.2 Dilemas sobre conceitos de Patrimônio Imaterial	40
2.3 Problemas com registro	42
2.4 O papel do IPHAN para a temática de bens imateriais registrados	45
FOLIA DE REIS: CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS.....	47
3.1 Surgimento da Folia de Reis no Brasil	47
3.2 Folia de Reis e a Bíblia Sagrada	50
ORGANIZAÇÃO E ESTRUTURA DA FOLIA – A FORMAÇÃO	52
4.1 Músicos / Tocadores	54
4.2 Palhaço	55
4.3 Mestre e Contramestre.....	60
4.4 Alferes	62
4.5 Bandeira	63

A FOLIA DE REIS DE CARDOSO MOREIRA	66
5.1 A origem	66
5.2 Devoção	70
5.3 Influências Musicais	72
5.4 Patrimônio Imaterial Cardosense	76
A LINGUAGEM MUSICAL DA FOLIA DE CARDOSO MOREIRA	81
6.1 O processo de criação das composições	81
6.2 O improviso do canto	84
6.3 Comparações rítmicas e melódicas da Folia de ReisCardosense.....	85
6.4 Relato de experiência na transmissão informal Musical da escolinha de foliões	91
6.5 Criando registros musicais.....	93
CONCLUSÃO.....	101
REFERÊNCIAS.....	113
APÊNDICE.....	116
ANEXOS.....	146

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa realiza um levantamento de um patrimônio histórico em aspectos desde os sociais aos musicais que, lamentavelmente, com o passar dos anos tem sofrido uma ameaça cada vez mais séria de sua permanência, a Folia de Reis de Cardoso Moreira, também conhecida como Folia de Reis Cardosense, e que, em várias regiões do Brasil, possui diversas denominações como Reisado, Festa de Santos Reis ou Terno de Reis. Uma festa rica em aspectos culturais, religiosos, sociais e folclóricos na história brasileira, tornando-se ainda um patrimônio imaterial e cultural do país, em pequenas cidades do interior como em Cardoso Moreira, no Rio de Janeiro. O fato é que o folclorismo profano vem se perdendo no tempo e o presente trabalho procura entender sua musicalidade religiosa de forma inédita dessa atividade na região, esperando contribuir de alguma maneira para o incentivo e manutenção dessa cultura que começou no catolicismo e trouxe tantas riquezas culturais, folclóricas e espirituais.

A história da minha pesquisa teve início quando apresentei ao meu orientador um projeto o qual acreditava ser o objetivo da linha acadêmica, após aprovação no processo de seleção do mestrado, tinha o tema voltado para a pesquisa sobre alunos que, em disciplinas regulares como matemática, português e artes utilizavam a música como forma de aprendizado, pensei em provar que a música "tocada" (violão, bateria, saxofone entre outros) tem esse potencial denominado por mim de uma espécie de "abertura cerebral" no qual ainda acredito, contudo demandaria muito tempo e equipamentos relacionados à neurociência de valores muito elevados.

Na primeira conversa com meu orientador, após ter este interpretado todo o processo, percebi que não teria a possibilidade de seguir com o tema, devido a sua complexidade de equipamentos e, principalmente, por saber que ele busca a musicalidade em suas nuances culturais. Tentei ainda buscar por algum tema com a formalidade tão complexa que, para mim, o mestrado pretendia, sem saber que estava tão perto de mim algo que sempre presenciei e vivencio desde a infância.

Certo dia fui convidado a participar de uma apresentação em homenagem ao sambista Jorge da Paz e, então, nos bastidores em conversa com meu orientador, preocupado com a pesquisa e com um novo projeto, este me indagou o que existia de musical na minha região e, de pronto, pensei e busquei em tudo que conhecia, sem entender no que poderia ser musical, uma vez que nosso pensamento, como músico, se volta sempre para a música interpretada no contexto social, de massa, de produção, em outras palavras, músicas que entram e saem de moda dentro de um gênero comum musical – pop, samba, rock, funk, sertanejo, entre outros - que pudéssemos ouvir com maior frequência nos meios de comunicação. O mais interessante é que em um dia anterior, acabara de sair de minha residência a Folia de Reis que visitava, a pedido de minha sogra e família, para a apresentação que marcaria os 7(sete) anos de devoção com a saída da folia de reis para o ciclo.

Após muito me questionar e de maneira informal sorrir por dentro, esperando uma contrapartida de interpretação chocante para um aluno de mestrado, afinal, estava ainda matriculado na licenciatura em música pelo IFF Guarus, disse em tom de receio: a única coisa que faz “som” em Cardoso Moreira ainda - as bandas marciais haviam acabado- é a Folia de Reis, senti que de pronto despertou um sentido na conversa, e as indagações aumentaram enquanto passava o som da banda e assim acabava de descobrir uma grande possibilidade de trabalho pelo *feedback* recebido. O mais estranho foi que pensei exatamente como em um filme, lembrei-me de todo o trajeto que vivenciei em segundos, pois em minha infância - neste momento fazendo parte de uma linda historia de vida- uma pesquisa de mestrado seria maravilhoso para o povo cardosense e em especial para a Folia de Reis Cardosense.

O primeiro passo foi constituir a forma de pesquisa que iria adotar, afinal a Folia estava no meu contexto de vida – chegando e saindo no ciclo da minha residência – sabendo que não seria fácil assumir um papel de pesquisador imparcial, pois além deste trabalho estar fazendo parte da minha vida, estava moldado ao aspecto religioso, o qual se mistura com objeto pesquisado do qual também faço parte – o catolicismo.

Os contatos informais foram surgindo e as dificuldades e facilidades se misturavam de tal forma que o processo o qual, ao mesmo tempo em que me empolgava, também me preocupava, sabendo que ainda não teria ouvido falar de pesquisas feitas em nossa cidade sobre a folia de reis e que o material a ser colhido não teria tanta possibilidade de forma bibliográfica, por falta de escritos históricos da própria cidade.

O meu primeiro contato com a Folia de Reis ocorreu na minha infância, ouvia do quintal da casa de um vizinho aqueles sons, versos e melodias, misturados a um colorido bonito de roupas brilhantes e vestimentas padrões que me traziam um verdadeiro encantamento, pensava, então, “que banda legal” e, para a minha surpresa não muito agradável, deparei-me com um ser com uma cara horrível e roupas do estilo dos bonecos “maus” que assistia na televisão – o Palhaço. Assim fui crescendo e observando que a cultura da Folia de Reis era muito difundida na cidade e sempre que tocava um bumbo sincopado, lá estava eu e toda a molecada brincando ao redor do palhaço de máscara que, com o passar do tempo, não me assustaria mais, intrigando-me, contudo, sob outros aspectos. Recordo, ainda, das palavras de minha mãe dizendo: “Meu filho, criança que não é batizada não pode ver Folia, pois o mal pode entrar em você!” Apesar das recomendações de minha mãe, minha infância se deu nas escolas e ruas, com latas enferrujadas amarradas com cordas de nylon para varal, imitando a Folia de Reis. Assim na escola, quando estávamos nos intervalos, as mesas tornavam-se instrumentos percussivos e ali disputávamos quem cantava mais alto e falava o melhor verso, quando surgiram os meus primeiros contatos com um símbolo da cultura cardosense.

Então, hoje, estou iniciando um ciclo de trabalho e finalizando em parte, ciclo este que se inicia no desenvolvimento e abertura de pesquisas nesse contexto do único patrimônio histórico da cidade de Cardoso Moreira. Vale ressaltar, que por motivos políticos, não foi possível a obtenção do documento que está em poder da prefeitura da cidade para fundamentar o único patrimônio imaterial da cidade.

A pesquisa buscou compreender o processo de criação e composição vinculado à espiritualidade, procurando alternativas para o tratamento dessa questão com o devido respeito que ela exige, registrando de forma inédita um símbolo da cultura deste município que pouco se tem destaque no âmbito nacional. A capacidade de improvisação dos foliões será um tema muito caro ao trabalho, na medida em que requer uma habilidade extraordinária ao artista, num ambiente mágico, inexplicável para quem a produz.

O processo de pesquisa passou por autorização formal, pelo qual foi feito um termo de autorização de utilização de imagens e outros que abrangessem o sentido didático de pesquisa, sendo este o mesmo material utilizado para a participação de um documentário de minha autoria e, consecutivamente, a participação em um edital do Ministério da Cultura do ano de 2018 em que a folia de Reis Cardosense seria classificada e contemplada – prêmio Leandro Gomes de Barros¹.

Ainda realizando um inventário sobre as pesquisas desenvolvidas nessa região sobre a Folia de Reis, busquei informações na casa de cultura, em bibliotecas, além de internet e banco de teses e dissertações, lamentamos o fato de não possuímos muitos trabalhos direcionados para essa temática na região, fato que atesta o ineditismo da pesquisa, o que acreditamos, tornará esse trabalho pioneiro e talvez um material para ser disponibilizado para as providências do poder público. Um dos principais objetivos da pesquisa foi descobrir a relação entre música e religião no processo de criação, expressa nas músicas da folia de reis e na fé pessoal de seus participantes.

O sentimento de amor demonstrado nas falas dos foliões com a Folia ultrapassa o aspecto visual-material, chegando ao espiritual, o que possibilita o ambiente propício para as composições e criações.

¹Edital de Seleção Pública n. ° 01, de 29/05/2017, Edital Culturas Populares – Edição Leandro Gomes de Barros.

A ausência de registros, a perda cultural devido ao pouco apoio por parte do poder público vem trazendo, com o passar dos tempos, efeitos devastadores ao patrimônio cultural, como a perda histórica da chegada da Folia de Reis na cidade, as influências rítmicas e melódicas, que foram criadas por diversos fatores, resultaram como consequência o desinteresse de alguns herdeiros vivos. Com intuito de manter o patrimônio preservado, justifica-se a busca pelo retorno às tradições e o registro dessa herança imaterial. Neste contexto, como recurso metodológico para a pesquisa de campo, ao aspecto qualitativo, recorrendo aos herdeiros, foliões e alguns poucos que acompanharam e se mantiveram, ainda que de forma limitada, envolvidos no folguedo religioso e folclórico da cidade.

Utilizo algumas obras que julgamos serem fundamentais para pesquisa, que permitiu atingir aspectos relevantes do trabalho, onde se destacam os processos de criação/composição de letras e melodias e sua relação com a espiritualidade, conteúdo necessário para a autenticação como patrimônio imaterial de Cardoso Moreira.

CULTURA, IDENTIDADE E FESTAS POPULARES

1.1. Refletindo sobre os conceitos de Cultura Popular

De maneira geral, podemos entender o conceito de cultura como a interação dos mais variados temas que envolvem a construção de valores relacionados à arte, à lei, às crenças, aos costumes e habilidades adquiridos pelos homens em seu ambiente, constituindo o seu modo de vida. No contexto antropológico de forma geral, o termo cultura é proveniente do verbo latino *colere* (cultivar, criar, cuidar) utilizado para o cultivo de plantas, ou cuidado. Evidentemente, a cultura é o conceito que exprime a forma de desenvolvimento de cada indivíduo pela interação com os mais variados ambientes da comunidade, ela não pode ser quantificada, se possui mais ou menos cultura, uma vez que não há uma hierarquia nesse setor. Esse pressuposto cria de forma ampla o contexto dos aprendizados da vida comum que se transmite por gerações.

Desse modo, a cultura se constitui para atender às necessidades impostas ao homem pela natureza, e se apresenta como um mundo transformado pelas ações do humano. Assim, a cultura, entendida como produto do humano, resulta nas mais variadas formas de vida construída de geração a geração pelas mais diversas classes sociais, o que confere a originalidade de cada cultura, diferenciadas no tempo e na história e no momento em que foram produzidas, isto é, sem discussão de hierarquia ou valorização, somente como formas de culturas diferentes. Burke observou que ainda não foi possível uma resposta.

... no limite, reavaliavam antigas questões sob novas designações, como “cultura da pobreza”, “cultura do medo”, “cultura das armas” etc. Embora a pergunta sobre o que é a História Cultural tenha sido feita em 1897 por Karl Lamprecht. (Burke 2005, p.191)

Para melhor entendimento pode-se classificar a cultura em: material, imaterial, real ou ideal, tal como é definida a seguir²:

²<http://professorpauloandrade.blogspot.com/2011/03/classificacao-da-cultura.html>

CULTURA MATERIAL - Consiste em coisas material, bens tangíveis, incluindo instrumentos, artefatos e outros objetos materiais; abrange produtos concretos, técnicas, construções, normas e costumes que regularizam seu emprego.

CULTURA IMATERIAL. Refere-se a elementos intangíveis da cultura, que não têm substância material. Entre eles encontram-se crenças, conhecimentos, hábitos, valores e etc.

CULTURA REAL. É aquela em que, concretamente, todos os membros de uma sociedade praticam ou pensam em suas atividades cotidianas.

CULTURA IDEAL. Consiste em um conjunto de comportamentos que, embora expressos verbalmente como bons, perfeitos, para o grupo, nem sempre são frequentemente praticados.

Em cada modalidade de classificação cultural destaca-se que valores, normas, crenças e símbolos são elementos que integram a cultura, isso fortalece o entendimento de que a sociedade brasileira é heterogênea no contexto social, o que resulta em uma mutabilidade interpretativa das culturas, como exemplo, a cultura popular, a cultura erudita e a cultura de massa.

A cultura popular baseia-se na realidade das relações sociais entre seus membros, valores, atitudes, ideias. A cultura erudita tem em seu principal aspecto a transmissão das instituições governamentais, oficializadas e sancionadas. Por fim, Cultura de massa, industrializada, imposta de forma consumista, produzida por vezes de forma forçada (sai dos produtores com intuito de chegar aos consumidores de modo oneroso ou até mesmo gratuita).



Figura representativa da cultura popular brasileira

Site: <https://www.al.ce.gov.br/index.php/ultimas-noticias/item/53226-27-05-2016> acesso em 20/02/2018

1.2 Algumas considerações sobre Memória Cultural

A união de conhecimentos culturais reconstrutora das experiências, dos grupos e sociedades, denominamos como memória coletiva. Esse processo de reconstrução de experiências é o principal responsável pelo repasse de cultura das gerações posteriores por meio de transmissão dos simbolismos culturais.

Silva (2008), a memória é formada por uma complexidade de um processo que não se molda a um simples ato mental, passando pela percepção dos sentidos, ilusões e sonhos que podem incluir desde uma sensação da mente privada espontaneamente e, até mesmo, a uma mudança radical solene. Manifestadas as definições de Memória Cultural, podemos entender que a capacidade humana de armazenar informações vividas individualmente ou coletivamente, mesmo que estes pensamentos não se concretizem é uma denominação de memória. Esta não se restringe aos acontecimentos passados trabalhando a todo o tempo para permanecer “viva”.

O processo histórico tem em seu fundamento o papel principal da memória, não há que se falar em história sem memória, pois é ela que forma a identidade e

conservação para se tornar legível o acontecimento e o desenvolvimento, denominado por Meneses (2002) como instrumento biológico-cultural.

A memória auxilia a compreensão ordenada dos fenômenos, de forma resumida, passamos a entender também suas distinções em seus aspectos fenomenais considerados em sua divisão.

... conclui que as formas de lidar com o passado sempre envolvem interesse, poder e exclusão e que a memória deve ser vista como algo mutável, suscetível a transformações de fenômenos, conceitos e percepções. (Araujo, 2007, p.03)

Assim, podemos entender que a história humana possui uma ordem pelos símbolos; em que “o passado designa a ‘memória’”, quando esta for compartilhada pelos que compõe a coletividade e para a relação futura, define-se em uma rede de referências para as ações individualizadas.

Para compreensão destas memórias – coletiva e nacional – os grupos populares, embora possuam memórias coletivas, são particularizadas e em contrapartida a memória nacional é universalizada. Por tal motivo a memória nacional não poderá ser interpretada como uma extensão dos valores populares, que assim sendo não é propriedade particular de nenhum grupo social.

No que tange a memória popular, são representadas de forma heterogêneas, de modo a incluir as diferentes manifestações folclóricas, como a própria Folia de Reis, o carnaval, Festa de São Joao, que não dividem as mesmas formas em comum, ou até mesmo se enquadram em um único sistema.

Os atores sociais desempenham um importante papel nas manifestações culturais dos grupos folclóricos, assim, quando o esquecimento passa a acontecer em sua história, o problema passa a ser as dificuldades de manter o grupo. Como exemplo, podemos citar a morte de um mestre, este responsável pela maior parcela daquele folguedo, com isso, traz a desestruturação do grupo e do seu ritual, então, há necessidade da memória popular para que seja mantida a história e a continuidade dos ritos pelos demais representantes.

1.3. É possível falar em Identidade Cultural?

A identidade cultural é uma problemática de vários aspectos, imprescindível a compreensão do processo de construção e afirmação. Em se tratando de algo abstrato a interpretação ainda é confusa.

A nossa história traz em sua essência a posição de agentes culturais, somente por nascermos humanos herdamos o passado de nossos pais, estes, não foram às escolas formais que nos ensinaram e sim o convívio com várias pessoas que contribuiu para a formação do nosso conhecimento, criador da nossa identidade. A identidade se constrói pela observação de vida com outras pessoas de nossa vivência, identificando-nos com os tipos de comportamentos e assimilando – em grande parte-os nossos pais. É a partir deste momento que nos identificamos com as outras pessoas ou nos distanciamos.

As diferentes formas de determinar a identidade cultural estão vinculadas ao pertencimento, subjetivamente se pergunta sempre se “faço ou não” parte daquele grupo étnico, social ou cultural, afinal é ou não é?

Para Woodward (2007), as identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença. Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto por meio de formas de exclusão social.

A cultura e a identidade inserida pelo homem no contexto de vida é herdada desde o nascimento, este é determinado pelo grupo social, com os costumes, valores e religião, a medida que crescemos, desenvolvemos a assimilação deste processo. As características adquiridas que serão o objeto de construção da nossa identidade, esse processo também ocorre na identidade cultural, pois nos espelhamos na cultura em que vivemos em sua maioria de forma predominantes, com isso podemos afirmar que a diversidade cultural é a responsável pela identidade cultural em uma análise macro, assim não há que se falar em identidade padronizada ou superior. Neste sentido, Ortiz 2006, afirma que toda

identidade é uma construção simbólica eliminando dúvidas da veracidade sem existir identidade autêntica e sim construída de várias formas e grupos.

Com isso, afirmamos não existir uma única identidade verdadeira ou falsa, maior ou menor e, sim, diferentes identidades, em que cada indivíduo possui a sua, criada por meio de seu grupo ou nação, construída durante a sua vida entendendo-se como pertencente a determinado grupo e, quando este indivíduo assume o seu papel, afirma ali sua identidade. Para Woodward (2007) quando afirmamos uma determinada identidade procuramos buscar sua legitimação, tendo como referência uma suposta autenticidade passada pela possibilidade de um passado de glórias, porém como se de fato fosse “real”, dessa forma validaríamos a identidade que estaria sendo reivindicada.

A vida contemporânea busca a junção de estilos, lugares, imagens para dar valor o que é do outro para desvalorizar o que já nos pertence. Essa forma de vida aliena as origens históricas dificultando a nossa identidade para sabermos quem de fato somos. Essa identidade também faz parte do processo de construção social.

Podemos definir então, que a fundamental forma da identidade está na memória, pois o registro da verdade necessita dessa junção. Esta junção pode ser por intermédio de elementos culturais, festas, ritos, entre outros elementos culturais.

1.4 Festas Populares

As práticas exercidas nas comunidades por meio de um grupo ou comunidade de uma região se reafirmam como festas culturais, em que saberes atravessam existências em práticas de um simbolismo, seja ela na música, dança ou até mesmo culinária.

As festas populares se mostram pela forma de um conjunto etnográfico na história e na cultura de povos e classes sociais que se misturam, entre religião, tradições, culturas que criam seu aspecto próprio. Para Gadini (2007) essa origem

se remete aos elementos minimamente de sobrevivência, imitação, experiência e imaginação, nos quais dialogam entre si para complementar-se até mesmo de forma contraditória.

As festas como manifestações culturais representam a “voz da sociedade” subjetivamente várias pessoas se encontram para expressar seu pensamento ou até mesmo o que desejam modificar ou realizar, por não ser estática a cultura perde-se traços e adicionam-se outros adaptando-se ao elemento festivo.

Passamos a interpretar os foliões devotos da cidade de Cardoso Moreira, no interior Norte Fluminense do Rio de Janeiro, e seus trajes requintados e com bastante colorido com ou sem chapéu de estilo militar com correntes, enfeites com muitos brilhos, complementam as características desta folia. No ritmo tocado, todos participantes, exceto palhaços- estes pulam e dão cambalhotas segurando seu cajado – marchando em estilo livre, mantendo o mesmo alinhamento de forma organizada, com a pisada forte do Bumbo. O palhaço gritando e cantando seus versos com a máscara e seus detalhes assombrosos, a frente segue a bandeira - bonita representando aquela história dos reis magos com um dinheiro pregado em sua frente.



Foto da festa de arremate em Cardoso Moreira - Julho 2016
Acervo próprio

Essa observação da folia de Reis Estrela do Mar provém da continuidade de seus antecedentes familiares de forma simples, com aspectos rurais uma grande expressão devocional religiosa.

Essa festa cultural enraizada em alguns lugares pelo Brasil permanece a se difundir entre seus foliões. As visitas prevalecem de casa em casa durante todo o período denominado ciclo. Foliões tocadores, mestres, bandeireiros, palhaços, ajudantes e admiradores garantem as possibilidades de reinvenções e criações diversas de se tocar, criando ritmos, versos, frases improvisadas no contexto bíblico e social.

1.5 Aspectos da devoção festiva

O folguedo religioso, se assim podemos denominar neste primeiro momento, integra a conexão da música, som, ritmo, versos, danças e vestimentas de forma simultânea, percorrendo cidades e até estados.

As festas populares possuem características semelhantes uma das outras, observando cada cultura e cada lugar, assim, seus aspectos se padronizam de acordo com cada região. Em Cardoso Moreira-RJ a Folia de Reis tem em sua principal característica a devoção, sem deixar de lado o principal envolvimento, as pessoas que ali admiram e observam:

[...]assim são as festas populares: atraem, encantam e integram participantes e admiradores. Envolvem ricos e pobres; brancos, mulatos, caboclos, pretos; distintas origens étnicas; sagrado e profano. Não resolvem conflitos e desigualdades sociais, mas expressam uma face da coletividade que se superpõe a essas diferenças. (CAVALCANTI³ 1998, pag. 2);

As festas culturais se distinguem do seu próprio informalismo poético que se transforma posteriormente em sua principal característica, criando o possível

³ texto publicado em Um Olhar sobre a cultura brasileira (Orgs. Márcio de Souza e Francisco Weffort).Rio de Janeiro: FUNARTE/Ministério da Cultura, 1998. pp. 293-311.

erro em forma necessária de expressão. Esse processo se dá pela própria forma de preparação e organização, que em seu tempo cria uma verdadeira linguagem de símbolos que posteriormente se formam de modo artístico. O ciclo dessa experiência com aspectos cognitivos e de afetos cruza a cada ano o seu calendário de produção e preparação, o qual se torna o conhecido calendário popular. Podemos exemplificar o próprio carnaval, que no Rio de Janeiro tem as escolas de samba e seus períodos de preparação até a tão esperada apresentação.

Na folia de Reis, o período do calendário popular está entre as vésperas do natal até o dia 7 de janeiro denominado pelo calendário católico de Epifania, rito este que se vinculam por ser um folguedo religioso.

O calendário festivo possui relação direta com a história e a cultura popular, como afirma Cavalcanti, ao citar sobre a existência desse momento no cotidiano:

[...] um tempo cíclico, fortemente ligado à experiência vital, cheio de conteúdos cognitivos e afetivos. Um tempo que entrecruza o calendário histórico e traz de volta, a cada ano, as diferentes festas do calendário popular.(CAVALCANTI⁴ 1998, pag. 3,)

A resignificação ocorrida a cada ano das festas populares, em muitos, como ocorre na Folia de Reis, é o grande desafio dos que vivenciam e fazem parte da preparação e produção dos festejos, novas cores, versos, instrumentos, melodias, músicas, trajes, e outros..., para o espectador a grande novidade a essência de sempre aguardar o período festivo. Denomino este processo como a forma natural de se manter viva. A cada momento a sociedade traz em seu contexto uma novidade, seja ela tecnológica, cultural, social, enfim... traz elementos por vezes copiados uns dos outros ou reinventados e, se bem observados, tem-se uma ligação indireta com alguma outra festa. Essa

⁴ texto publicado em Um Olhar sobre a cultura brasileira (Orgs. Márcio de Souza e Francisco Weffort).Rio de Janeiro: FUNARTE/Ministério da Cultura, 1998. pp. 293-311.

naturalidade por vezes ganha tanto destaque que parece ser uma criação própria.

[...]ao voltarem, as festas trazem consigo alguma novidade, e assim, de modo lento, muitas vezes imperceptível, vão se modificando, se recompondo, às vezes mesmo se reinventando. Tomam elementos emprestados daqui e dali (pois reparem bem: as diferentes festas conversam entre si!), conferem sentido novo a velhos aspectos. (Cavalcanti⁵ 1998, pag. 2)

A folia trazida pelos portugueses popularizou-se absorvendo e mantendo as referências do mundo rural, estes aspectos evoluem e em cada região podemos encontrar uma nova forma mais próxima ao urbano. No nordeste e sudeste poucos são os que ainda não chegaram ao urbano, no estado do Rio de Janeiro se tem um grande destaque nessa transição do interior para as grandes cidades. Esse novo movimento traz novos sentidos ao projeto cultural e devocional sem afetar de forma negativa a cultura, por se apresentarem mesmo fora de época, pois a nova transição vem se justificando para que a tradição não se perca e, além disso, ganhe maior visibilidade, incorporando os moldes dos grandes eventos culturais como, por exemplo, as escolas de samba do sudeste brasileiro e o encontro Nacional de Folia de Reis na cidade de Muqui no Estado do Espírito Santo.

O evento é uma sequência do “Torneio de Folias”, iniciado em 1950, que atualmente é um encontro ao invés de disputa entre os grupos. O objetivo é promover a difusão da cultura popular e o conagraçamento, além do belíssimo espetáculo cênico oferecido aos turistas durante as apresentações das folias no sítio histórico.⁶ (RANGEL, 2014, n.p)

O simbolismo da festa no que tange as formas de expressão humana tem seu vínculo no estético e na capacidade de resistir ao tempo. Desde a simplicidade

⁵ texto publicado em Um Olhar sobre a cultura brasileira (Orgs. Márcio de Souza e Francisco Weffort).Rio de Janeiro: FUNARTE/Ministério da Cultura, 1998. pp. 293-311.

⁶<https://www.portal27.com.br/muqui-e-sede-do-64-encontro-nacional-de-folia-de-reis>, pesquisado em 5 de marco de 2018

das festas até a alta complexidade, todas atravessam fases antes do seu inteiro desenvolvimento, penso ser o seu “estado base” - defino assim por entender que, por maior que seja a mudança, o principal deve existir para dar o sentido ao festejo. Segundo Cavalcanti,

(...) a plasticidade e a multiplicidade de meios de expressão tornam-nas particularmente adequadas à expressão da história, dos valores, conflitos e da dinâmica social dos grupos e das regiões que as promovem. (Cavalcanti, 1998, p.3)

1.6 Resignificando, expandindo e criando as tradições festivas

No país, boa parte das regiões tem como características suas próprias histórias e memórias, as quais continuam se criando a cada tempo de forma permanente. Como exemplo, cito a cidade de Cardoso Moreira que, com a chegada dos Índios, no século XIX, iniciou-se a fundação nas terras de Cachoeiro, denominado Cachoeira de Muriaé, a partir da chegada dos poderosos a época Comendador José Cardozo Moreira, hoje uma pequena cidade construída por um período de transformação, essa transformação decorre da nova cultura pela mistura dos índios com os “brancos”, fator principalmente cultural do processo das festas, pois estas dependiam de pessoas para acontecerem e neste contexto cada um trazia a sua forma, juntando-se com a religião trazida pelos padres Jesuítas, que catequizaram os índios desta região, formou-se a integração e a característica própria desses festejos.

As tradicionais festas se expandiram com semelhanças de padrões, com envolvimento dos atores principais, que no exemplo acima se iniciou pelos Índios, posteriormente, os apreciadores/expectadores, os próprios portugueses padres jesuítas e, com o passar dos tempos, turistas, residentes, estudiosos, intelectuais, outros recém-chegados começaram a fazer parte da história de cada local/cidade.

Importante entendermos que o sentido de festa, por maior forma tradicional que esta possua, ou seja, sua raiz, sempre será criado numa memória - construção de um passado no presente, com isso - este não mais pertence então

àquela sociedade e sim à amplitude social, uma vez que, de forma tecnológica, pessoas buscam conhecer lugares e novas culturas. Tais processos reforçam a tradição festiva, quando retomam festas do passado – como principal exemplo as festas juninas que se incubem da formação de casamentos, apresentam personagens com dentes pintados, roupas caipiras, músicas específicas para as quadrilhas, entre outros fatores. A expansão fica caracterizada quando difundida de forma que, neste período, vários lugares comemoram da mesma forma. Desse processo fez parte a expansão da Folia de Reis.

A festa atualmente pode ser confundida como simples “evento”, contudo a grande diferença está ligada à soma de processos culturais, dentro de seus calendários impregnados de memórias as quais muitos irão chamar de tradição. Com muito cuidado, podemos destacar a essência, criadoras de raízes profundas, nestes grupos que as criam e as promovem.

Os aspectos festivos geralmente se iniciam por um grupo de pessoas, dentre elas amigos, parentes, vizinhos, comunidades, religiosos e outros que formam a organização, que posteriormente se molda em outras realidades com sentido semelhante ou com novo sentido, partindo daquele observado ou participado.

A criação da festa demanda muito trabalho, dependendo de certo modo organizacional para existir, neste sentido, a necessidade de se aproveitar os talentos dos atores desse processo, trabalhando suas habilidades e vocações específicas. Enquanto se prepara cada etapa, os vínculos são formados entre esses participantes, ganhando proporções maiores, ensaios são desenvolvidos para que tudo ocorra na mais perfeita harmonia, sem perder sua beleza encantadora. Este aspecto de organização traz em sua complexidade de pensamentos a reinvenção de certas culturas vividas por aqueles que, com trocas de experiências, formam suas ideias inovadoras, em sua maioria, por vezes evitam sua completa mudança para manterem a tradição social. Afirma Viveiros (1998) que as festas produzem assim seu artesanato característico, têm seus promotores orgânicos e trazem ocultos, no seu brilho, muita tenacidade, disciplina e capacidade de organização.

De um outro lado, observa-se que o aspecto de produção festiva pode surgir a partir do entendimento de vida humana – visão de mundo- ou até mesmo de resistência e luta na atuação cultural que devem alterar sua própria cultura. Neste aspecto Cavalcanti (1998) utiliza como exemplo:

O modelo de tradições gaúchas aspira à recriação de um modo de vida campeiro baseado na figura do gaúcho – um tipo social livre e bravo, vestido com traje típico, lenço, chapéu e bombacha, associado a sua montaria e ao hábito do chimarrão. Essa imagem está calcada no modo de vida das estâncias da Campanha, a primeira região a ser colonizada no Rio Grande do Sul no século XVII, localizada no sudoeste do estado, na fronteira com a Argentina e o Uruguai. Apesar da crescente importância de outras áreas, como a região serrana de colonização alemã e italiana – foi o modelo campeiro que forneceu à população regional uma representação imaginária homogeneizadora, capaz de diferenciá-la no contexto nacional.(CAVALCANTI 1998, p. 7, apud Oliven 1992)

A revivência das raízes passadas em sua grande parte se tornam objetos de novas festas com as características passadas e formatos de novos frutos da evolução social.

O folclore parte desta cultura popular, das grandes festas que também passam por esse aspecto intelectual e posteriormente se oficializa na memória. Essa forma desenvolvida de conhecimento é observada nos dias atuais, embora pesquisada e entendida poucos séculos atrás⁷. Viveiros (1998) cita em sua obra os pioneiros destes aspectos:

Entre os pioneiros desse interesse, estão Sílvio Romero (1851-1914), Amadeu Amaral (1875-1929) e Mário de Andrade (1893-1945). Sílvio Romero empreendeu importantes coletas de literatura oral; Amadeu Amaral empenhou-se pela atuação política em prol do folclore, visto como depositário da essência do "ser nacional". Mário de Andrade procurou compreender o folclore em estreito diálogo com as ciências humanas e sociais então

⁷O desenvolvimento de um conhecimento específico e o desejo de atuação em prol de seu favorecimento remontam à segunda metade do século XIX.

nascentes no país. Para ele, o folclore, expressão da nossa brasilidade, era decisivo no ideal de uma “cultura nacional”, permitindo ao país a construção de uma identidade diferenciada no contexto mundial. (CAVALCANTI 1998, p. 7).

O Brasil criou a Comissão Nacional do Folclore, vinculado ao Ministério do Exterior. Esse processo foi desenvolvido como estratégia a fim de manter a paz, pois estavam saindo de um período pós-guerra e tal projeto era entendido como uma grande ferramenta de compreensão para apreciar e entender as diferenças sociais e culturais de cada Estado.

O processo de criação, desenvolvimento e expansão da cultura popular e folclórica atravessou um período problemático de aceitação, reivindicação e lutas. Os militantes ainda hoje demonstram resistências, embora de forma mais branda, a aceitação não se compara a esse passado. De acordo com Cavalcanti:

A atribuição de uma autenticidade e pureza originárias ao folclore e à cultura popular, neles vendo a um só tempo a essência cultural da nação e o abrigo nostálgico de um mundo harmonioso ameaçado pela época moderna, é muito problemática. Os estudiosos da época, por sinal, não ignoraram as contradições em que se debatiam. O caráter dinâmico e contemporâneo das manifestações populares se impunha, especialmente, naquele que era o tema privilegiado das preocupações do Movimento Folclórico: os folguedos, ou se quisermos usar uma denominação mais ampla, as nossas festas. (Cavalcanti, 1998, p. 8).

O processo de revelação da cultura popular teve como seu principal ator o folguedo, por sua representação cultural vivenciada no dia-a-dia, este não se separava do indivíduo, ligado ao passado que, de forma contínua, se readaptava ao presente, tornando-se um método essencial para dar originalidade a formação da cultura brasileira. Esta abertura se mantém na atualidade, a modernidade social foi a fundo nos meios de comunicação e de forma decisiva a cultura popular permaneceu ganhando forças.

De lá para cá, a modernização da sociedade se aprofundou, os meios de comunicação de massa entraram decisivamente no cotidiano nacional e a cultura popular permanece revelando extraordinária vitalidade e contemporaneidade. (VIVEIROS 1998, p. 10)

PATRIMÔNIO IMATERIAL BRASILEIRO

2.1. Conceituando Patrimônio Imaterial no Brasil

O patrimônio associa-se a bens individualizados ou não, à herança familiar, transmissão herdada que, de forma geral, é deixada para uma nova geração. No final do século XVIII, surge essa ideia deixada pela Revolução Francesa – bens deixados pela nobreza aqueles que faziam parte de sua linha hereditária.

O patrimônio passou pela idade média até os dias atuais com grandes reflexos financeiros e culturais no modernismo, a propósito, as tribos adotavam as formas patrimoniais. Os “fatos sociais totais” são entendidos como bens culturais para Gonçalves, 2009, por carregarem fatos morais, estéticos, religiosos, sentimentais. Como forma de prolongamento moral, que não se separado total social, que vai além do individuo.

A UNESCO surge após a Guerra Mundial, na tentativa de criar um conceito de patrimônio universal que, para ABREU⁸ (2009), mostrou-se como tentativa de não mais aceitar as ideias racistas motivo da guerra, quando diz que o conceito de cultura é uma forma de “remédio” para as ações da contemplação da diversidade Cultural, mantendo-se a ideia de respeito e igualdade entre as nações que devem se relacionar com suas diversidades culturais.

Assim, os antropólogos passam a planejar ações no intuito de considerar as diversidades culturais, orientando-se, por exemplo, pelas ideias do antropólogo Claude Levi Strauss, um dos principais antropólogos da época, que auxiliou na compreensão do que podemos denominar de diversidade cultural.

Desse modo, tem início a ideia de Patrimônio Cultural, levando-se em conta sua história e Arte em cada sociedade e cada país, como forma de realização humana em suas expressões sociais. Assim ABREU(2009), interpretava Cultura como costume e crenças, derivadas de tradições que forma um acervo imaterial da vida em sociedade em duas concepções

⁸“o conceito antropológico de cultura foi apropriado como antídoto aos conflitos entre os povos”. (ABREU, 2009, p.36)

A noção de Patrimônio Imaterial vai ganhando escopo quando, em 1922, Mário de Andrade se manifesta com suas ideias surgindo, já em 1937, o SPHAN (Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), que tinha como objetivo a inclusão Nacional do Folclore citando entre eles a Culinária, mágicas ou magias, danças, e outros valores que interpretavam como folclore ameríndio; já o folclore popular, entendia-se como musica, histórias, superstições e outros⁹

O trabalho principal para aquela formação era de instruir a criação destes bens por meio de registros de áudios, partituras, sons, imagens, vídeos de danças e demais manifestações.

Para Mário de Andrade, a época se utilizava o vocabulário “tombamento” mesmo para as manifestações imateriais. Atualmente esse vocabulário é utilizado apenas para os bens materiais, adotando-se o termo “Registro” para os bens intangíveis, por referir-se às manifestações que são recriadas constantemente.

O IPHAN, em sua Obra “ Patrimônio Imaterial no Brasil”, transcreveu partes do diário de viagens de Mário no período de 1927 e 1943, que demonstrava sua grande paixão com as manifestações populares.

Mário também efetivou um grande mapeamento sonoro brasileiro, em viagens pelo Nordeste, Norte, e Sudeste, buscando seguidores para sua continuidade para colaborar em sua pesquisa etnográfica, criando assim um departamento com colaboração de pesquisadores de outros países.

Mário de Andrade organizou missões de pesquisa folclóricas para buscar materiais etnográficos em todos os estados, porém foi interrompido por questões políticas e, assim, afastou-se do Departamento. Ainda assim, foi criado um grande material e o IPHAN passou a fazer trabalhos de tombamentos em lugares. O

⁹Mário de Andrade, na expressão arte ameríndia, incluía as manifestações em sua plena dimensão de vivacidade (MEC/SPHAN/Pró-Memória, 1980: 90)

retorno das propostas de Mário de Andrade passa-se na década de 70.

Surgem, então, os debates que se tornam frutos de uma inclusão na norma constitucional de 1988 e, atualmente, no Decreto Lei 3551 de 2000, tratando assim do registro do Patrimônio Imaterial Brasileiro.

Os países menos desenvolvidos reivindicaram a UNESCO a realização de estudos para propor salvaguarda das expressões populares de valor cultural e, como consequência, a aprovação da “Salvaguarda da Cultura Popular e Tradicional”.

2.2 Dilemas sobre conceitos de Patrimônio Imaterial

A constituição Federal de 1988 inseriu em seu artigo 216 a terminologia “Patrimônio Imaterial”¹⁰, no entanto, a aprovação da recomendação pela UNESCO aprovada em 1989, um ano após a aprovação da Constituição Federal ainda não havia interpretado/utilizado o termo. Vejamos:

Constituem o patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

- as formas de expressão;
- I - os modos de criar, fazer e viver;
- II - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;
- III - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;
- IV- os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.(BRASIL. 1988, Art. 216.)

Nesse aspecto surge então um grande dilema, pois a terminologia “patrimônio Imaterial” gera uma grande discussão motivada pela dificuldade de separar as condições existenciais entre o imaterial e o material, sendo assim, alguns defendem a posição de que todo o patrimônio é material, como exemplo, Gonçalves 2005, entende que criar uma categoria “Imaterial”, fazendo surgir uma modalidade de patrimônio, traria mais dificuldades, na medida em que demarcaria exageradamente o aspecto material apenas ao aspecto físico em objetos tangíveis, assim, o uso deste termo, traria uma invisibilidade ao imaterial, sugerindo uma compreensão pejorativa e não reconhecendo formas tão presentes como os constituídos fisicamente nas festas, culturas, espetáculos, entre outros.

Esse conceito surge da questionável discussão conceitual de Cultura – Popular e Tradicional – vez que não conseguia englobar todas as manifestações.

O patrimônio imaterial tem em seu aspecto a materialidade em seus artefatos, como nos locais que são produzidos, vestimentas, assim como da Folia de Reis, bem como os patrimônios tangíveis materiais possuem seus significantes, dentro dos simbolismos.

Em busca de um conceito definidor, a discussão se estende, chegando-se a cogitar o “patrimônio oral”, “paisagem cultural”, “ espaço cultural”, “ ambiente cultural”, assim sendo, todos possuem problemas de conceituá-los.

Embora tantas interpretações, discussões, e terminologias similares, a terminologia “patrimônio imaterial”, continua sendo utilizada por ser o que a legislação brasileira prevalece em sua atualidade, até mesmo quando citada em níveis internacionais.

Então, temos no Brasil dois suportes regulamentadores; a Constituição Federal de 1988 em seu artigo 216 e o Decreto normalizador 3551 de 2000 que o regulamenta.

Em 2003 a UNESCO aprova a *Salvaguarda do Patrimônio Imaterial* definindo que o patrimônio cultural imaterial deve ser entendido como práticas

e representações das expressões dos conhecimentos e técnicas que as vinculam, juntamente com os objetos e lugares que lhes associam em suas comunidades e grupos, tornando esse patrimônio culturalmente “material” que se transmite de geração em geração, recriando-se pelas comunidades e grupos em função de seus ambientes, o que cria um ambiente de pertencimento e identidade, interagindo com a natureza, com a sua própria história, e com a diversidade cultural e criativa humana¹¹.

Com base no artigo 216 da constituição, o instrumento de proteção do patrimônio imaterial brasileiro é formado pelos registros, inventários, salvaguarda, e outros que, para por em prática esses instrumentos, utiliza-se o Decreto 3551/2003, que os regulamenta.

2.3 Problemas com o registro

Atualmente temos o Decreto 3551/2003 como o principal objeto reconhecedor de valorização do Patrimônio Imaterial Cultural do Brasil.

Art. 1º Fica instituído o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro.

§ 1º Esse registro se fará em um dos seguintes livros:

I - Livro de Registro dos Saberes, onde serão inscritos conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades;

II - Livro de Registro das Celebrações, onde serão inscritos rituais e festas que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas da vida social;

III - Livro de Registro das Formas de Expressão, onde serão inscritas manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas;

¹¹Entende-se por ‘patrimônio cultural imaterial’ as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas - junto com os instrumentos, objetos, artefatos ,...

IV - Livro de Registro dos Lugares, onde serão inscritos mercados, feiras, santuários, praças e demais espaços onde se concentram e reproduzem práticas culturais coletivas.

Os registros desses bens possuem características peculiares quando se tem a primícias de minimamente interferir para não os modificar ou imobilizá-los. Para LEVÍ-STRAUSS 2001, as formas de vida, seus valores, necessidades, representações evoluíram e continuam a fazer, porém se abandonada sua prática social pela comunidade não há o que se fazer, restando somente o estudo, a conservação, inventariando com um possível reconhecimento social a quem detém o patrimônio para que possa ser reconhecida sua importância, com o direcionamento para transmiti-los às gerações tentando perpetuá-los com a consciência de seu próprio valor.

Neste contexto, para que o bem não “pare no tempo”, o bem imaterial deverá ser reavaliado a cada 10 (dez) anos, assim como é previsto na legislação. Em caso de perda dessa manifestação, somente os registros permanecerão para as gerações futuras. De acordo com Decreto 3551 de 4 de Agosto de 2000¹², :

Art. 7º O IPHAN fará a reavaliação dos bens culturais registrados, pelo menos a cada dez anos, e a encaminhará ao Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural para decidir sobre a revalidação do título de "Patrimônio Cultural do Brasil".

Parágrafo único. Negada a revalidação, será mantido apenas o registro, como referência cultural de seu tempo.

A comunidade que passou pelo aspecto de patrimonialização não é obrigada a dar continuidade e nem tão pouco compete a ela a total função de salvaguarda, isto é, não cria obrigações para com o bem registrado, contudo

¹²http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d3551.htm acesso em 12/02/2018.

essa é uma competência do País.

A legislação atual, ainda que proteja os patrimônios, está longe de ser ideal, o registro tem poder bastante limitado de proteger, porém serve como ferramenta de existência contra os possíveis criadores de “falsa cultura”, embora saibamos que a cultura está num processo constante de criação e reinvenção.

O Brasil ainda não possui um sistema de apoio concreto às comunidades com suas manifestações, esse sistema protegeria esses bens, além de uma possível aplicação eficaz metodológica para que possa dar conta das dificuldades.

Para que esses bens se mantenham, não basta que ocorram editais tais como a Lei Rouanet, dependem, sobretudo, de medidas em que se apoie a preservação, que não se vincule somente aos interesses financeiros como as produções de cultura de massa, necessárias se fazem as divulgações, as condições para produzi-las, regras de preservação para as demais gerações, com impactos semelhantes aos aspectos ambientais.

Sabemos que não dependemos somente de um ambiente sustentável, e sim de uma soma deste com a vida humana cultural e social. Esse modelo poderia seguir os padrões de políticas públicas com maior observação na participação da sociedade para que sintam como proprietários daquele bem a ser zelado.

Neste sentido, busca-se a integração e o reconhecimento pela população de entender que o patrimônio cultural também é seu, e não somente daquele grupo que vive aquela cultura, chamado de “mantenedores” e pesquisadores.

2.4 - O papel do IPHAN para a temática de bens imateriais registrados

O instrumento que reconhece legalmente o patrimônio é baseado no Decreto 3.551/2000 que tem o objetivo registrar e buscar projetos que identifiquem, reconheçam, salvaguardem e promovam as dimensões de um verdadeiro Patrimônio Cultural.

Neste sentido, buscam-se os bens registrados que devem ser inscritos nos livros de acordo com suas classes de livros. Os livros são divididos em; Livro de Registro dos Saberes, Livro de registro das Celebrações, Livro de Registro das Formas de Expressão. Cada Livro possui sua característica de registro, conforme extraído do IPHAN 2018:

Livro de Registro dos Saberes: são registrados os modos de fazer tradicionais de uma comunidade, conhecedora de técnicas e de materiais;

Livro de Registro das Celebrações: São registradas as festas e rituais que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas da vida social;

Livro de Registro das Formas de Expressão: são registradas as manifestações musicais, cênicas, plásticas lúdicas e literárias;

Livro de Registro dos Lugares: são registrados os espaços onde acontecem práticas ou manifestações culturais coletivas que são referências para a população.

O processo de salvaguarda considera a forma de vida e representação de coletivo humano no princípio do que se denomina relativismo cultural de respeito às diferenças culturais que se compreendem por seus contextos sociais. Em um outro olhar, baseia-se como forma de reconhecimento em sua diversidade cultural, sendo esta quem define a identidade cultural do Brasil e passa a incluir as significativas referências da diversidade.

A possibilidade de criação de um instrumento legalmente proposto para salvaguarda ocorreu em 1997 no seminário Internacional de Patrimônio Imaterial, pelo que surgiu a Carta Fortaleza e por meio dele foi indicada a criação do Inventário Nacional integrando ao SNIC- Sistema Nacional de informações Culturais, criando também um grupo pelo MINC – Ministério da Cultura, de um grupo de estudos com intuito de propor a criação de um instrumento legal para

dispor sobre o início do Registro (instrumento de criação jurídico oficial)¹³.

O Brasil atendeu a essas recomendações e criou em 1998 o GTPI – Grupo de Trabalho Patrimônio Imaterial, o qual propôs o Decreto 3.551 de 4 de agosto de 2000, criando então o registro dos bens culturais Imateriais, e o PNPI- Programa Nacional do Patrimônio Imaterial.

Segundo os padrões do decreto 3551/2000, o IPHAN busca tentar como forma de teste uma metodologia do Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) com experiências realizadas com o registro “dos Ofícios da Paneleiras de Goiabeiras”, e do grupo Arte Kusiwa dos Índios Waiapi do Amapá, sendo declarados Patrimônio Oral e Imaterial da Humanidade, no ano de 2003.¹⁴

O programa Nacional de Patrimônio Histórico Imaterial – PNPI, implantou-se inaugurando as experiências do Inventário com o Projeto Celebrações e Saberes da Cultura Popular Brasileira, q executado pelo Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular – CNFCP, órgão incorporado ao IPHAN e, desse modo, a Salvaguarda e suas ações foram estruturadas de forma sistêmica pelo IPHAN, por meio do Departamento do Patrimônio Imaterial - DPI.

As manifestações Culturais e os bens de interesse de preservação são identificados pelos instrumentos de preservação – o Inventário - o qual busca o bem material e imaterial, tendo como principal objetivo a composição de um banco de dados que possibilite a salvaguarda e valorização, com planejamento para as pesquisas para a educação ambiental. Assim sendo, o IPHAN identifica com projetos *bens culturais imateriais nos Estados, bens culturais Imateriais de abrangência Regional*, mapeando documentos nos Estados e inventariando diversidades Linguísticas denominadas de (INDL).

¹³<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/418> acesso em 23/02/2018

¹⁴Ver Instrumentos de Salvaguarda IPHAN

A FOLIA DE REIS: CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS

3.1 O surgimento da Folia de Reis no Brasil

A Folia de Reis originou-se nas manifestações populares trazidas ao Brasil por portugueses os quais se tornaram os principais influenciadores na cultura brasileira e, especialmente, com a vinda dos padres jesuítas, cujo objetivo era a catequização dos índios por intermédio do ensinamento da cultura ibérica, por intermédio dos cantos, instrumentos de sopro e percussivos, como flautas e chocalhos.

Além disso, alterando a própria noção de tempo com a implantação do calendário católico que chegou ao Brasil dividindo-se em Natal, São João e Páscoa, e assim, iniciavam as homenagens santificadoras e santificáveis nas devoções com promessas a santos e todos aqueles que a época seriam direcionados pela igreja católica no Brasil.

“A folia de reis é uma tradição popular brasileira de catolicismo popular que envolve um grupo de participantes que, entre o Natal e a Epifania, fazem uma viagem pedindo esmolas para fins sócio-religiosos. A tradição refere-se a conjuntos musicais que compõem predominantemente trabalhadores rurais de baixa renda de várias regiões do Brasil. Instrumentistas, cantores e outros participantes viajam de casa em casa e fazenda para cultivar, cantando e louvando o nascimento de Cristo. A folia de reis celebra e reencontra a jornada bíblica dos Três Reis para Belém e de volta à sua pátria guiada pela Estrela de Belém. A tradição folia de reis, é uma tradição que remonta ao Brasil colonial e à Península Ibérica. A medida que viajam desde a véspera de Natal até a Epifania (6 de janeiro), sua jornada de canto abençoa as famílias que visitam em troca de comida ou dinheiro. A tradição folia de reis é classificada como "catolicismo popular" (prática ritual católica externa aos interesses da Igreja Católica) e é bastante difundida nas regiões sul, centro e norte do Brasil, principalmente nas comunidades rurais. Desde as primeiras fontes portuguesas até as manifestações do século XXI, um tema é comum à folia de reis: os Reis Magos são personagens importantes entre as populações rurais do Brasil.”(Tremura 2004, p. 94)

Essas tradições passaram a ser influenciadas em cada região por suas especificidades locais, de etnia, e cultura que já se formavam nestes locais. Dava-se início às manifestações Ibéricas nos ritos religiosos, que serviram –e ainda servem- como referência às influências nas tradições brasileiras de arte na cultura popular.

“Entre os escritos da Idade Média que se referem à origem e à história dos Magos do Oriente, os mais antigos que circulavam pela cristandade eram, segundo Elizabeth Christern, os manuscritos de Friedrich Wilhelm, intitulados “ZurDreikönislegend”, compreendendo duas “Lendas dos Três Reis”, abrigados no Museu de Filologia da Idade Média e do Renascimento de Munique – Alemanha, o outro, segundo Franco Cardini, de autoria de Jacobo de Vorágine, Bispo de Gênova, intitula-se “Legenda Áurea”, escrito entre 1280 e 1290, ambos não disponíveis no Acervo.” (SILVA, 2006, p.19).

É importante o reconhecimento de que há poucas produções sobre a Folia de Reis no Brasil, devido às crescentes mudanças da nova história cultural em que se cria a abertura a outros temas e por incluir tão somente a Folia em um contexto meramente folclórico. Contudo, ainda podemos citar algumas obras importantes para o tema, como a de Carlos Rodrigues Brandão, “ Sacerdotes de Viola”, Zaíde Maciel de Castro e Aracy do Prado Couto, “Folia de Reis”, em que se torna um prospecto de formação e organização da Folia e seus rituais. Os levantamentos bibliográficos da pesquisa nos apontaram alguns autores fundamentais e suas obras, tais como, Diego BonadianGoltara, “Santos Guerreiros: As Jornadas Encantadas das Folias de Reis do Sul do Espírito Santo”; Ana Paula Santos Horta, “Os Reis da Canastra: os sentidos da devoção nas folias”; Welson Alves Tremura, “*Withan Open Heart: Folia De Reis, a Brazilian Spiritual Journey Through Song*”, que tornaram possível a observação a alguns pontos em comuns sobre a influência cultural e patrimonial da Folia de Reis em suas cidades.

Neste sentido, são expostos conceitos de originalidade, genuinidade, realidade, singularidade/unicidade e em análise do canto da Folia de Reis deve ser seguido esses pressupostos e, obviamente, observando cada novo contexto social que surge com o passar dos tempos.

O canto descreve as características das composições musicais nos relatos bíblicos, nesse sentido a Folia de Reis, tem muito a nos oferecer, em se tratando de cultura que enfatiza a identidade regional. Não há como ignorar a composição criada pelo Canto da Folia de Reis em qualquer lugar que seja, ela é marcante, embora em muitos lugares apresentem rupturas significativas, seja no aspecto material de cada instrumento, ou até mesmo musicalmente, por meio de timbres melódicos, rítmicos com influências técnicas e/ou tecnológicas oferecidas pelo mundo musical. Os instrumentos contemporâneos são produzidos em sua grande maioria de forma industrial, fato que promove grande diferença sonora, uma vez que em tempos passados eram fabricados de forma totalmente artesanal.

A folia de Reis de Cardoso Moreira é o principal destaque do patrimônio imaterial e cultural da cidade e se mantém por intermédio da persistência dos poucos mais de trinta devotos e fiéis foliões, com outros poucos admiradores da comunidade. Possui um razoável reconhecimento social nos momentos folclóricos da cidade pelo poder público, pelo fato de não haver outro movimento que melhor identifique a cultural local, entretanto, ao que parece o modo de lidar com esse movimento ainda parece ser orientado por uma visão folclórica, seguindo o peso ruim da palavra.

3.2 Folia de Reis e a Bíblia Sagrada

Os relatos bíblicos que narram a história dos Reis Magos encontram-se na Bíblia Sagrada, no Evangelho de Mateus, capítulo 2, versículo 1-12, que descreve o caminho dos Reis magos e a adoração ao menino Jesus na manjedoura, guiado por uma estrela de forte luz até Belém, levando consigo presentes, como incenso, mirra, ouro, entre outros¹⁵.

“ Tendo nascido Jesus na cidade de Belém, na Judeia no tempo do rei Herodes, eis que alguns magos do Oriente chegaram a Jerusalém, perguntando: Onde está o rei dos judeus, que acaba de nascer? Nós vimos a sua estrela no Oriente e viemos adorá-lo”. Ao saber disso, o rei Herodes ficou perturbado, assim como toda a cidade de Jerusalém.

¹⁵BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada Ave-Maria**, 141.ed. São Paulo: Editora Ave- Maria, 1959, (impressão 2001). 1632p.

Reunindo todos os sumos sacerdotes e os mestres da Lei, perguntava-lhes onde o Messias deveria nascer. Eles responderam: “Em Belém, na Judeia, pois assim foi escrito pelo profeta: E tu, Belém, terra de Judá, de modo algum és a menor entre as principais cidades de Judá, porque de ti sairá um chefe que vai ser o pastor de Israel, o meu povo”. Então Herodes chamou em segredo os magos e procurou saber deles cuidadosamente quando a estrela tinha aparecido. Depois os enviou a Belém, dizendo: “Ide e procurai obter informações exatas sobre o menino. E quando o encontrardes, avisai-me, para que também eu vá adorá-lo”. Depois que ouviram o rei, eles partiram. E a estrela, que tinham visto no Oriente, ia adiante deles, até parar sobre o lugar onde estava o menino. Ao verem de novo a estrela, os magos sentiram uma alegria muito grande. Quando entraram na casa, viram o menino com Maria, sua mãe. Ajoelharam-se diante dele, e o adoraram. Depois abriram seus cofres e lhe ofereceram presentes: ouro, incenso e mirra. Avisados, em sonho, para não voltarem a Herodes, retornaram para a sua terra, seguindo outro caminho”.



Bênção das Folias de Reis na Igreja São João Batista no Encontro Nacional de Folias. É o mais antigo e maior encontro de Folias do Brasil, na cidade de Muqui – ES, em agosto de 2017.

ACERVO PRÓPRIO

A terminologia “folia”, no sentido textual da história dos reis magos, denominava o ato de organização em grupos para que estes grupos solicitassem aos moradores ajuda para a festa dos santos homenageados, contudo em seu gênero tem a interpretação no sentido musical¹⁶. O principal objetivo cultural, além do folclorismo, é entendido entre os devotos foliões (músicos) como um ritual de reciprocidade, em que pagam promessas e levam as melhorias de vida por intermédio de bênçãos – o sentido de ser folião.

¹⁶Por sua forma musical, estilo e etimologia da palavra, supõe-se que a melodia surgiu como uma dança em meados ou no final do século XV, em Portugal ou no antigo Reino de Leão (zona de influência galaica) ou no Reinode Valência. Sebastián de Covarrubias, no *Tesoro de lalenguacastellana* (1611), descreve a folia como uma dança portuguesa, rápida e confusa, na qual os bailarinos carregavam sobre os ombros homens vestidos de mulher - https://pt.wikipedia.org/wiki/Folia_de_Reis

A religiosidade está sempre presente na folia de Reis, pois se o fundamento da existência vem do contexto bíblico, não há que se falar em outro processo para justificar a sua existência. No Nordeste ainda se encontram crianças utilizando, inconscientemente, roupas de palhaços de folia para obter vantagens financeiras. Sendo assim totalmente repudiadas por antigos “zeladores” da folia de reis, sendo dito por estes: “coisa séria não se brinca” solicitando dessa forma o respeito ao folguedo e à devoção.

ORGANIZAÇÃO E ESTRUTURA DA FOLIA – A FORMAÇÃO

Como em outros ambientes culturais, a Folia também segue padrões estruturais em sua organização e formação e, embora ocorram ainda muitas dificuldades de estrutura física e financeira, os foliões, com o mínimo de que dispõem organizam-se realizando lindas festas. Brandão, com suas obras sobre as Falias de Reis e outras manifestações, interpreta estes componentes como “devotos artistas”;

[...]com roupas coloridas, cantam tocando instrumentos musicais, dançando agilmente de uma maestria com gestos sutis de beleza – criam, dizem, oram, cantam, encenam estes devotos do catolicismo popular ao nosso redor. (BRANDÃO, 2004, p. 24).

Observar como os componentes das Falias de Reis contam as histórias dos três Reis Magos, recriando-as por meio de suas músicas e versos, os quais encenam todo ritual simbólico, possibilita-nos a compreensão e a concordância dos fatos bíblicos narrados e argumentados.

Há uma grande variação de membros de cada Folia de Reis dependendo do seu lugar e região, na grande maioria das Falias no Brasil seus componentes são fixos, ocorrendo uma fidelidade em sua função que vincula a devoção aos Três Reis Magos. A formação em sua grande maioria é composta de músicos ou tocadores, palhaços, alferes ou bandeireiros, contramestre e mestre, denominados de Foliões.

Atualmente, é possível encontrar várias mulheres participando da Folia, fruto de mudanças culturais, sendo algumas assistentes da preparação para a festa – como confecção de vestimentas, alimentos, entre outros afazeres – e outras Foliãs cantoras e tocadoras-instrumentistas.



Cantoras e tocadoras na festa de arremate em Cardoso Moreira - Julho 2016

Com o intuito de complementar a Folia de Reis, os festeiros (organizadores de cada ano da festa), têm a responsabilidade da organização, contudo isso não o torna parte da estrutura organizacional da Folia. Em cada festa, geralmente anual, escolhe-se um festeiro que tem o objetivo de organizar, providenciando tudo que for necessário para a festa, tal escolha é feita entre o mestre e a pessoa previamente manifestada. Caso ninguém se manifeste, o mestre tem a função de buscar alguém para garantir a realização do festejo. Os denominados festeiros fazem parte, em sua maioria, dos também chamados “devotos de Reis”.

4.1 Músicos / Tocadores

A Folia sem seus tocadores músicos não poderia existir, isso reforça a necessidade de renovação do quadro, sempre que um deles deixa a Folia. Para cada região prevalece um certo instrumento musical¹⁷, sendo assim, músicos tornam-se uma parte fundamental de qualquer folia. Estudos relatam uma gama de instrumentos utilizados, como exemplo, viola, violão, sanfona, rabeca, triângulo, pandeiro, caixa, agogô, reco-reco e, especificamente nas Folias do Nordeste, as flautas de bico (os pífanos ou pífaros).



Foto do nosso acervo do evento ocorrido em Muqui – ES no Festival de Folia de Reis em agosto de 2017.

Os Foliões tocadores se preocupam em adornar seus instrumentos e, com isso, demonstram que se trata de um instrumento diferenciado, próprio da Folia e, portanto, sagrado.

¹⁷Em minas violas e violões, no rio de janeiro acordeons e sanfonas, na Bahia as percussões em geral, no Sul violas.



Foto dos instrumentos da Folia Estrela do Mar de Cardoso Moreira – agosto de 2017
Acervo próprio

Os instrumentos significam também o sagrado; cada instrumento passa uma mensagem de cura para o devoto. Nos dias atuais pouco se falam sobre o tema, contudo os próprios tocadores comentam ainda que superficialmente.

4.2 O Palhaço

O Palhaço é interpretado como personagem representante do “bem e do mal” por vezes. Representado como soldado de Herodes no intuito de confundir e desviar os Três Reis magos que seguiam a estrela do oriente em direção à Belém onde se encontrava o menino Jesus.



Foto do nosso acervo - evento ocorrido em Muqui – ES no Festival de Folia de Reis em agosto de 2017.

A figura do palhaço em muitos momentos é dúbia, suas interpretações algumas vezes são associadas ao “mal”, outras vezes ao “bem”. Algumas Folias não o adotam por acreditarem ser uma figura do mal, representante de Satanás.

O palhaço utiliza a vestimenta colorida, descalço ou com meias longas, com uma máscara sobre a cabeça, carregando um bastão de madeira, em sua ponta o cordão de couro – reio – pequena bolsa para guardar as doações. As máscaras de aparência do mal são produzidas por eles ou compradas, em couro ou estopas e enfeites de materiais diversificados.



Foto do palhaço da Folia Estrela do Mar de Cardoso Moreira – arremate da folia agosto de 2017 - acervo próprio.



Foto do palhaço da Folia Estrela do Mar de Cardoso Moreira – arremate da folia agosto de 2017 - acervo próprio.



Foto do palhaço da Folia Estrela do Mar de Cardoso Moreira – arremate da folia agosto de 2017 - acervo próprio.



Foto das mascarás da Folia Estrela do Mar de Cardoso Moreira – agosto de 2017
Acervo próprio.

É comum encontrar Folias com dois palhaços, estes tentam disfarçar ao máximo para que não sejam reconhecidos, sobre o toque da “chula”¹⁸ eles saltam e dão cambalhotas, e em cada região do país podemos observar as variedades destes estilos de palhaços.



Foto do nosso acervo - evento ocorrido em Miracema (encontro de Folias) em janeiro de 1997.

Ao final das saudações eles cantam seus versos¹⁹ e dançam alegrando convidados e recebendo doações de pessoas da sociedade que assistem ao espetáculo.

A função de palhaço se inicia geralmente ainda quando criança, entre 7(sete) e 15(quinze) anos de idade, uma vez assumido esse compromisso, o palhaço só poderá se retirar da Folia após 7(sete) anos de devoção.

Por vezes, mestres e tocadores, trocam de funções após o tempo de fidelidade e devoção à máscara. Algumas regras limitavam a função do palhaço e são até hoje seguidas por muitos, o que se tornou um problema e trazia desânimo para quem participava nesta função, como, por exemplo, não poder retirar a máscara, ou ainda quando para se alimentar ser obrigado a se isolar. Atualmente isso não mais ocorre.

Em alguns lugares os filhos foram vestidos de palhaços para que, ao crescerem, se mantivessem na devoção para que tal devoção não se perdesse.

Os palhaços passam por um processo de entendimento de aceitações e proibições dentro da própria Folia de Reis, como exemplo, a proibição da aproximação da bandeira.

[...]O elemento principal que caracteriza esses personagens, todavia, não é a *farda* ou o cajado, mas, sim a máscara. Um palhaço sem máscara não está fazendo a imitação dos soldados de Herodes, podendo, por exemplo, entrar no interior de uma casa ou andar sem perigo pela rua. Com a máscara na cara, as coisas mudam e recomenda-se que eles nunca saiam de perto da bandeira, quando a Folia caminha pela rua. Casos de palhaços que, ao desrespeitarem essa regra, tomaram surra sem

¹⁹Região sudeste

saber de quem apanhavam ou até sumiram em encruzilhadas, são abundantes. (CHAVES, 2013.p.58).

Os versos de memória improvisados são denominados *Chulas*, para Bitter (2010), o caráter desses versos é fortemente cômico, tendomuitas vezes o público ou mesmo o próprio dono da casa, como alvo de suas brincadeiras.

O palhaço e o mestre, ao se apresentarem, expõem-se diante do públicotornando-seo centro das atenções. O público geralmente se aproxima para as fotografias, tornando o palhaço um objeto de atração devido as suas vestimentas e máscaras.

As fotos e aproximações do palhaço não afastam a admiração da musicalização da Folia e o potencial dos demais foliões, seja no improviso do mestre ou na apresentação como um todo.

4.3 Mestre e Contramestre

O Mestre, também chamado de capitão ou embaixador, além de cantar e participar como direcionador da Folia é o principal líder do grupo, organizador da Folia, o que possui mais experiência e grande conhecedor das funções do grupo. Cabe os versos de inicio do canto, espécie de voz principal e organizador da formação do grupo, decide sobre tudo, convoca, exclui e inclui foliões, e em sua boa parte vem de herança o cargo de mestre – herdando de pai para filho.



Foto do Mestre da Folia Estrela do Mar de Cardoso Moreira – documentário 2017
Acervo próprio. <https://www.youtube.com/watch?v=6K6dSI83uQ4>

Os mestres usufruem também do poder improvisatório e somente ele e o palhaço têm esse poder dentro da Folia, contudo, sempre obedecendo à história. Boa parte destes versos improvisados já existiu em algum momento.

O contramestre é o responsável pela segunda voz do canto, e este tem a função de ajudar o Mestre, uma espécie de “reserve” do mestre, e na falta dele o contramestre resolveria. Quando juntos, há uma relação de divisão de atividades, pois eles são os transmissores de saberes no grupo.

Os Mestres e os Contramestres geralmente são os replicadores de ensinamento sobre a folia e seus instrumentos, trazendo aqueles que querem fazer parte da Folia e ensinando cada passo da construção do evento.

[...] o respeito e o prestígio de um *bom mestre de folias de reis* são postos a prova em momentos críticos. Sendo assim, ter o domínio do *fundamento*, conseguir estabelecer e restabelecer a ordem na festa contribui para a categoria moral de *um bom mestre*. (IKEDA, 2011, p. 97).

O mestre utiliza um apito pendurado no pescoço para “reger” seus foliões por intermédio dos seus comandos, além de receber as demais folias quando é o anfitrião, tornando-se autoridade máxima da festa, com a incumbência de passar as informações de horários, sobre a alimentação, entre outras informações pertinentes.

O mestre interage diretamente com a festa, com os foliões, com os palhaços, a bandeira, o altar, os santos e o presépio, conduzindo o ritual e mantendo a ordem dentro da festa/circuito. O tempo de apresentação das folias é fundamental para o Mestre, afinal, é ele que tem o dever de solicitar à Folia visitante a finalização da apresentação, ou intervir quando um palhaço não cumpre os fundamentos da Folia fazendo uma apresentação competitiva/agressiva. Para Chaves 2003, a posição do anfitrião seria uma forma de manter o respeito hierárquico, além do controle de conflito.

A posição do mestre é determinante no que se refere conhecimento da sua missão perante aos demais foliões e devotos, pois dependendo da forma de agir, sua aptidão para o cargo poderia ser questionada. De acordo com Chaves:

É nesse “enquadramento” que manifesta uma performance, que pode ser analisada como a manifestação da “persona” do mestre da folia de reis: todo um sistema configurado e regido de obrigações e proibições que faz com que gere uma tensão para aquele que esteja no centro desse sistema. (CHAVES 2003, p.38)

4.4 Alferes

O Alferes, também conhecido como bandeireiro, é o que à frente da Folia leva a Bandeira, que é o principal símbolo da Folia de Reis. Ao fazer uma visitação e chegar à casa do morador entrega a ele a bandeira para que ocorra a festa e, ao final, a mesma bandeira é devolvida novamente para a sua saída. Esse processo de entrega e confiança é um ato de muita responsabilidade, devendo ser tratado com o devido cuidado e respeito²⁰.



Foto do nosso acervo - evento ocorrido em Muqui – ES no Festival de Folia de Reis em agosto de 2017.

²⁰ Alferes é aquele que leva a bandeira, mesmo que qualquer participante ou visitado pode, eventualmente, exercer esta função em cumprimento de uma promessa ou devoção. O folião a ocupar essa posição é privilegiado, pois é ele quem vai a frente do cortejo e ninguém pode ultrapassá-lo, tornando-se uma autoridade espiritual na folia



Foto do nosso acervo - evento ocorrido em Muqui – ES no Festival de Folia de Reis em agosto de 2017.

A função do Alferes além de carregar a Bandeira é também de recolher as contribuições e preparar o prato que será servido na refeição e levá-lo até os palhaços que se encontram reclusos pela tradição, para que suas identidades não sejam reveladas.

4.5 A bandeira

A Bandeira é o principal material sagrado da Folia, estabelece uma conexão entre as pessoas e os santos, em que devotos denominam que os “Santos Reis” estão ali presentes. Fabricada em Tecidos brilhosos, e ao fundo é fixada uma imagem de visitação dos Três Reis Magos ao menino Jesus, em seu entorno possui fitas coloridas e enfeites com flores de plástico, algumas possuem iluminação, bolas de natal e outros materiais coloridos e um intenso brilho. Alguns devotos juntam à bandeira promessas, fotografias, mensagens e outros itens pessoais.



Foto em Cardoso Moreira do ano de 1958
Acervo da Folia de Reis Estrela do mar.



Foto Presépio da festa de arremate em Cardoso Moreira – julho 2016
Acervo próprio

A aproximação da Bandeira é realizada por todos os envolvidos, com muito respeito, com cumprimentos por meio de beijos e ajoelhando-se a sua frente. Esse ritual é feito antes de iniciar a jornada, e todos os Foliões devem reverenciá-la. Na chegada à residência é comum a sua circulação em toda a casa aos cômodos como forma de abençoar o ambiente.

Durante a apresentação, os moradores se revezam ao segurar a bandeira como forma de devoção, e alguns mistérios são comentados entre eles, além de que levam a bandeira em todos os cômodos da casa para abençoar. Alguns antigos narram que; dinheiro na bandeira tem que ser retirado pelo palhaço com a mão inversa por quem foi colocada; dinheiro debaixo da bandeira é para alguém falecido que exige ritual com cantos próprios (palhaços de joelhos acendem uma vela), e outros aspectos nos cantos.

A Bandeira, durante o repouso, só poderá ser tocada com respeito e veneração. Em cada ano ela fica guardada na casa do último festeiro, e no ritual de saída do próximo ano é de lá sua partida para um novo ciclo.

A FOLIA DE REIS DE CARDOSO MOREIRA

5.1 A origem

A expressão “Folia” surge no século XVI nos cancioneiros ibéricos em Portugal com intuito de designar uma espécie de *dança barulhenta* que era acompanhada em sua maior parte por pandeiros, tocados por homens vestidos de mulheres. Assim, tornou-se uma tradição da europeia que reúne música e dança²¹.

A origem da Folia de Reis Cardosense traz, em seu contexto histórico, os moldes da introdução da Folia no Brasil, onde os índios, sendo catequizados pelos Padres Jesuítas, e após tempos e evoluções chegam ao campestre, aquele que tira o sustento do campo, povo de pele sofrida, castigada pelo sol, que canta o

²¹ MOREYRA, Yara. De folias, de reis e de folias de reis. *Revista Goiana de Artes*, Goiânia, v. 4, n. 2, p. 135-172, jan./jun. 1983.

“caipira” com suas violas e histórias daquele tempo. Por esse motivo não é comum à Folia de Reis urbana, criada nos grandes centros, na qual a maioria se concentra no interior dos Estados e em Cardoso Moreira não é diferente.

O início da Folia de Reis na cidade de Cardoso Moreira deu-se com a chegada dos padres franciscanos, na intenção de catequizar os índios Puris que viviam na aldeia denominado Cachoeiro, às margens do rio Muriaé, estes índios vieram remanescentes da região de Campos dos Goytacazes –RJ.²² (Histórias de Cardoso Moreira, p. 1, 1992)



Foto do nosso acervo, Estrela Oriente do Bananal - evento ocorrido em minha residência em Cardoso Moreira Janeiro de 2017.

²²https://cardosomoreira.rj.gov.br/site/pagina/nossa_historia/90/2



Foto do nosso acervo, Estrela do Mar - evento ocorrido em minha residência em Cardoso Moreira Janeiro de 2017.

A Folia de Reis Cardosense, se divide em duas folias (Estrela Oriente do Bananal e Estrela do Mar), ocorrido por opiniões internas que nem os próprios integrantes sabem explicar, e para evitar constrangimentos em ambas que tem em seu contexto a amizade, não buscamos os fundamentos. Importante neste processo que ambas fazem as apresentações nos mesmos locais, com um grupo de foliões mais idoso (Estrela do Oriente Bananal) e outro grupo mais jovem (Estrela do Mar). Tratamos então ambas como um único corpo assim como o poder público da cidade denominados de Folia de Reis Cardosense.

Essa tradição teve início no século XVI e foi trazida pelos portugueses com os jesuítas em suas pregações religiosas aos índios e negros no Brasil os quais, no intuito de catequizá-los, utilizavam instrumentos musicais e cantos que atualmente variam de região para região, as pesquisas identificam os índios da tribo Puris que foram abrigados na cidade pelos padres franciscanos.

A cidade de Cardoso Moreira, situada no interior do Estado do Rio de Janeiro, na Região Norte Fluminense, com aproximadamente 13 mil habitantes ²³,

²³<http://www.cidade-brasil.com.br/municipio-cardoso-moreira.html> acesso em 13/02/2018

descoberta em 1672 pelos freis franciscanos que fundaram em terras de Cachoeiro, um dos bairros da cidade às margens do rio Muriaé. Nessa época os índios “Puris”, da tribo Goitacá haviam sido perseguidos pelos portugueses e nessa fuga chegaram pelo rio a atual cidade. No final dos anos de 1700 vários engenhos foram instalados em cachoeiras de Muriaé, onde ocorriam moagens de cana-de-açúcar para a venda e transporte de derivados, posteriormente os fazendeiros criaram uma ferrovia que ligava até a cidade de Carangola em Minas Gerais possivelmente é quando surge a primeira influência musical para a Folia de Cardoso Moreira. A cidade recebe o nome do principal fazendeiro a época, comendador José Cardoso Moreira, nome da estação de trem, e posterior nome da cidade.

Atualmente o município de Cardoso Moreira possui oficialmente duas Folias de Reis (Estrela do Mar e Estrela Oriente do Bananal) as quais vêm se destacando nos encontros regionais em municípios vizinhos, reconhecida até mesmo em grandes eventos como o Encontro Nacional de Folias, realizado na cidade de Muqui no estado do Espírito Santo, sendo o mais antigo e maior encontro de Folias do Brasil²⁴.

A Folia de Reis de Cardoso Moreira, de maneira similar a outras manifestações, tal como o Carnaval, que promoveu verdadeira quebra de paradigma social quando, de forma folclórica, contribuiu para a aproximação entre as camadas sociais ricas dos mais pobres, como pode ser exemplificado no encontro entre a chamada elite (o fazendeiro) aproximando-se dos pobres subordinados (campeiros) nos locais onde a folia iria se apresentar.

A Folia nunca existiu sem o seu público, as visitas tornaram-se processo comunitário e de devoção para a casa a qual iria ser visitada, para moradores e vizinhos ao redor, eram momentos de encontro para admirarem e tirarem preceitos dos versos que os palhaços lhes direcionavam quando estes faziam suas ofertas. Os versos cantados eram tão levados a sério neste momento, que se entendia que o divino estaria ali apresentando algo e, para

²⁴<http://g1.globo.com/espírito-santo/musica/noticia/2016/08/muqui-celebra-encontro-de-folia-de-reis-pela-66-vez-no-es.html> acesso em 23/02/2018

surpresa de muitos, surgia ali uma devoção como forma de agradecimento por “abrir portas” na vida social, ou até mesmo “abrir os olhos” para aquilo que ainda não enxergavam em termos de saúde, previsões de vida, etc...

O ambiente folclórico foi criado pela prefeitura municipal unindo-se à data comemorativa da emancipação da cidade apresentando a Folia de Reis à população, enaltecendo a cultura local.

Embora encontremos atualmente uma comunidade dividida entre o catolicismo e o protestantismo, a curiosidade e a vontade de, mesmo não aderindo diretamente à manifestação, assistirem ao evento e acompanhá-lo, divertindo-se com o que se passa na apresentação de uma multidão alegre e festiva.

5.2 Devoção

A devoção tem uma relação dupla de sentido entre os devotos (foliões e acompanhantes devotos) e seus objetos de devoção (imagens, santos, entre outros), pois o ser – homem – cria, transforma, vive, revive como sujeito do aspecto social e religioso, formando assim, a devoção - recriando, criando, revivendo entre outros aspectos reverenciados na folia.

A experiência humana do sagrado é “vivida pelos devotos como algo que os ajuda não apenas a situar-se em meio a crises sociais e políticas, mas também a transcender os limites das soluções inseridas neste mundo”. Assim, o discurso dos devotos a respeito de sua devoção é de acordo com o contexto social, onde os atos e significados religiosos são parte integrante do todo que conhecemos como realidade (Steil, 2001. p. 546).

O aspecto devocional é trazido ao Brasil no início da colonização portuguesa, com raízes na Idade Média, entendida como resistência a imposição do Catolicismo romano oficial. Os cultos aos santos continuavam sendo expressos ao sentimento de religiosidade adequando-se a sua tradição e cultura.

A devoção aos santos, no catolicismo popular

devocional se fundamenta sobre um conjunto de representações e práticas pelos devotos, uma coletividade presta o culto (individual ou coletivo) aos seus santos, estando revestido de uma obrigação moral. (OLIVEIRA 1985, p. 122),

O devoto é formado por elementos diversos na vida religiosa. No primeiro momento, ocorre uma espécie de aceitação das virtudes da vida vivida por aquele santo, como os sofrimentos, as atitudes, suas caridades, entre outros aspectos positivos deixados como legado de vida; e, no segundo momento, as graças já alcançada por alguém ou pelo próprio devoto como forma de afirmar sua realidade espiritual; e, em um terceiro momento, a fé do devoto, como forma de confiança da relação sagrada, que surge logo no início devocional e, ao final, o alcance do pedido realizado.

O costume daqueles que recebem as visitas é de oferecer algo aos foliões, pois acreditam que poderiam estar retribuindo minimamente as bênçãos recebidas e vindouras. Assim sendo, a devoção possui sua marca na crença no bem espiritual que faz a visita ao menino Jesus.

A interpretação é de que o trajeto dos reis magos às casas possui o mesmo contexto bíblico quando visitada a casa de alguns desses admiradores, procedendo às bênçãos pela chegada da Folia, assim, como foi na ida e na volta a Belém. As bênçãos são das mais diversas formas, como saúde, paz, prosperidade, amor, entre outros.

A influência da passagem bíblica na trajetória dos Reis Magos até o menino Jesus se inclui como responsável por este aspecto devocional, em que a Estrela de Belém faz parte da grande representação da Epifania²⁵ ligada ao calendário do catolicismo que na época era conhecida como concessão da Igreja Nascente. Por

²⁵Esse episódio veio a se constituir na essência da celebração da Epifania, festejada desde sua origem, no Oriente, nos primeiros séculos do Cristianismo, no dia 6 de janeiro de cada ano, também conhecido como dia de Santos Reis. A Epifania foi somente estabelecida em definitivo no século IV como uma das festas mais solenes da liturgia cristã, significando que o Messias prometido veio não apenas para os judeus, mas também para todos os povos da humanidade. (SILVA, 2006, p.13)

isso, a Bandeira da maioria das Folias tem em seu ponto principal - a ponta da Bandeira – uma *Estrela* representando Belém.

O vínculo espiritual tão presente aos recebedores dessas dádivas, que mestres acreditam que suas composições são apresentadas como forma de mensagem divina, com isso ocorre uma troca de espiritualidade entre o Mestre que canta com o divino que, conseqüentemente, traduz tais mensagens ao representante da família visitada, servindo assim de ponte ou elo entre esse triângulo espiritual. Sem essa conexão, segundo os mestres, não há composição, fato que se torna condição *essencial* para o sentido devocional.

5.3 Influências Musicais

A Folia de Reis brasileira sofreu, como em outros movimentos culturais, influências trazidas de outros países, no tocante a sua característica própria, que surge após longos trajetos de mudança social e cultural, os quais motivaram as influências como, por exemplo, o ritmo do bloco da cidade, em que seus componentes passaram a executar seus ritmos na Folia, o que podemos denominar aqui de “intercâmbio rítmico”.

As Folias de Reis de Cardoso Moreira não ganharam destaque nas rádios e mídias sociais, sendo assim, até hoje, ainda que reconhecido socialmente, não se trataria de músicas de uma audição comum, mas sim, um conjunto místico de devoção, colorido e movimentação cantada pelas ruas que fazem a disseminação folclórica para os que não a conheciam em um primeiro olhar. E quando disseminada pelos evangélicos protestantes como uma apresentação diabólica, esse processo dificultou até os dias atuais seu lugar meritório da cultura da cidade.

Embora a pesquisa aponte a Folia de Reis como único patrimônio imaterial da cidade, em seu histórico não é considerada como tal, pois não possui uma formação musical, ou seja, não tivemos escolas de música ou, em seu histórico, gêneros musicais ensinados de geração para geração, mesmo que

informalmente, em que pese os projetos criados no início de 2000 pela prefeitura de Cardoso Moreira, esse ambiente não foi alterado até os dias atuais, mesmo com a chegada das bandas marciais.

Ao compreender as influências musicais, (rítmicas e melódicas), suas matrizes portuguesas e africanas, elementos fundamentais para a chegada e disseminação da folia no Brasil e, principalmente, as influências brasileiras das regiões, como dos Estados e municípios aos redores, entende-se a sua importante colaboração para o que temos hoje, com isso, realizo uma comparação com algumas regiões do país, onde as influências foram mais marcantes.

Ainda que de forma mínima no que tange as influências, por existir ainda diversas variáveis para ao que se chegou hoje, no que a pesquisa irá nos fornecer, apoiando-se em algumas pesquisas bibliográficas, podemos avançar que a folia cardosense, de forma ampla, apresenta uma combinação rítmica, manifestando, aparentemente, alguns estilos do tipo mineiro, paulista e baiano (como vozes, melodias e ritmos). Os estilos observados e com identificável semelhança com a Folia de Reis de Cardoso Moreira, fazem referência aos arredores de nossa região, aliada às influências que se baseiam em algumas características específicas.

O estilo paulista tem, em sua particularidade, a condução da folia por dois cantores, os quais, em perfeita sintonia não permitem destoar o cântico improvisado; já o estilo mineiro tem em seus cânticos acordes cumulativos, em que basicamente formam uma espécie de coral e o estilo baiano tem sua semelhança com o estilo paulista, porém um canto com seu “beat” mais elevado (rápido), com ênfase nas abordagens percussivas, com bastante síncope e é também bastante ritmada.

No estilo paulista, os cantores principais são muitas vezes chamados embaixadores em vez de mestres, talvez devido ao seu papel de líder como representantes autorizados para os Reis Magos. O estilo é comumente associado à música country no interior do estado de São Paulo e está relacionado à música caipira.

A viola e o violão são os principais instrumentos de acompanhamento e um terceiro instrumento melódico, como sanfona ou cavaquinho, é adicionado para variação melódica.

A melodia, cantada pelo mestre, é muitas vezes no registro superior para torná-lo mais fácil de ouvir. A segunda voz, cantada pelo contramestre, está em terças acima da melodia.

Os cantores das outras vozes são referidos como respostas porque sua função é apenas repetir a estrutura melódica cantada pelos mestres. Esta prática permite que os cantores líderes improvisem e compunham novos versos, à medida que o grupo repete e reforça os versos.

Durante as visitas, tal estilo também lembra o estilo popular da dupla caipira entre os trabalhadores rurais. Porque a mistura das vozes é esteticamente necessária para os participantes de folia de reis, eles distinguem e aprendem cada parte vocal, dos cantores principais.

No estilo mineiro, o canto é espontâneo e a estética do som muitas vezes se baseia na capacidade dos cantores para misturar suas vozes. Nesta tradição as vozes entram uma a uma e com cada entrada a textura do som se torna progressivamente mais encorpada. É preciso ouvir o mestre e contramestre como combinar suas vozes antes de as vozes seguintes entrarem no final do refrão.

As vozes quinta e sexta cantam as notas altas. Eles frequentemente dobram a oitava para a primeira e segunda vozes, o que pode ser difícil para uma voz masculina alcançar – fato que ocorre na Folia Cardosense. Enquanto em certas regiões não é incomum ouvir mulheres ou crianças cantando essas partes, mais frequentemente, um cantor do sexo masculino com essa faixa normalmente cantá-las.

Alguns grupos usam várias violas para acompanhar o mestre. A viola é um instrumento ideal para dobrar as vozes. Como não há regras que ditem quem deve

cantar no final de cada refrão, os participantes dobram suas partes e adicionam mais vozes e instrumentos, conforme necessário.

As vozes do estilo mineiro são organizadas de acordo com a estrutura do verso que inclui as seguintes características vocais: a primeira voz traz a melodia cantada pelo mestre; a melodia é repetida e o texto dobrado; a segunda voz (contramestre) canta a resposta ao texto da canção, geralmente em uma terça acima da melodia; o contralto canta a terceira voz unindo-se ao grupo apenas para a última parte do refrão; a quarta voz canta a quarta, a quinta voz (quinta) e a última voz, respectivamente, duplicam o mestre e contramestre em suas respectivas oitavas).

O estilo baiano embora seja do nordeste da Bahia é encontrado entre os grupos de folia de reis no sul do Brasil. O termo "baiano" pode ser enganador, no entanto, porque no sul do Brasil a maioria dos povos rurais se refere a qualquer pessoa da região nordeste, como um baiano, causando confusão e levando à má interpretação do estilo baiano de folia de reis.

Instrumentos ligeiramente diferentes dos estilos paulista e mineiro, por causa do uso de flautinhas. A música é altamente sincopada e coloca mais ênfase na bateria e outros instrumentos de percussão.

Além disso, os cantores muitas vezes respondem ao mestre de uma forma de chamada e resposta. O termo "baiano" desenvolveu-se em Minas Gerais e no sul paulista para folia de reis e outros tipos de música e dança por causa da forte influência africana na região e não necessariamente faz referência aos nascidos ou habitantes da Bahia.

As folias de reis de Cardoso Moreira atravessam em cada período novas formas musicais, pois além de todas estas influências, ainda assim, buscam assimilar o que se houve na atualidade como ritmos, fato que pode ser observado em um registro audiovisual que fiz, demonstrando as modificações rítmicas sofridas até mesmo vinculadas aos jovens aprendizes. Entendo este aspecto

como reinvenção rítmica²⁶

5.4 Patrimônio Imaterial Cardosense

O patrimônio imaterial reflete algumas especificidades para que não ocorram limites em suas formas originais, e claro, permite novos moldes de criações que com o passar do tempo geram novos valores na arte e na história²⁷.

Surge neste contexto, a busca conceitual do que seria realmente Patrimônio Cardosense, com o basilar de pertencimento do patrimônio material e imaterial, início por intermédio de um normativo mundial que surge da Convenção do Patrimônio Mundial Cultural e Natural ocorrido em 1972, por meio da Organização das Nações Unidas para a Ciência e Cultura (UNESCO), que fomenta uma discussão sobre o patrimônio mundial e, por consequência, mostra seu entendimento a ser seguido pelos países signatários do que se entende como patrimônio ou não, momento em que entra em cena a Conferência de Nara em 1994.

A conferência de 1994 se direcionava para uma discussão das formas de conservação asiática, que divergia da forma interpretativa ocidental da UNESCO²⁸, suas formas baseavam-se na autenticidade fungível, material, em técnicas de criar e recriar, em que traziam dificuldades para aceitação patrimonial no ocidente.

A UNESCO em 1978 passa a exigir o “teste de autenticidade” para a inclusão de um bem na lista do Patrimônio Mundial, momento histórico para o reconhecimento dos patrimônios e suas autenticidades

Conceitualmente, o controverso termo “autêntico” é compreendido como a forma de criação única de um momento autônomo, com total influência da

²⁶link documentário próprio youtube.

²⁷(Citação UNESCO, 1978, p.4, tradução nossa)

²⁸ UNESCO na conferência de Nara

genuinidade, o que o torna legítimo. Embora ocorra uma conceituação com base na genuinidade, cabe observar que o desenvolvimento enraizado na criação participa da legitimidade, procedência, tendo em vista que se busca na fonte a originalidade.

De acordo com MENDES, DOURADO, CAVALCANTI:

A Carta de Brasília (1995), ao propor recomendações práticas para a conservação da autenticidade, aproxima-se da Carta de Veneza (1964) e da Conferência de Nara (1994). Como estratégia de conservação da autenticidade, a carta enfoca a importância do conhecimento das tradições culturais locais, por meio do estudo das técnicas e dos modos de fazer, antes de qualquer intervenção (Mendes, Cavalcanti, Dourado, 2009, p. 5)

Historicamente a verdade conceituava-se pelo divino que acabava por convencionar na sociedade, esse conceito baseia-se na originalidade da autoridade que se difere do entendimento de Lowenthal (1999), em que este afirma a busca da autenticidade pela procedência comprovada.

O momento da definição de autenticidade atravessa um caminho ainda obscuro conceitual, metodológico, como bem citado por Taylor em 1992, afirmando que uma construção autêntica de identidade não será alcançada de forma plena, por levarem consigo uma insegurança que pode ser suprimida pela criação na arte. Então, entende-se que a forma expressiva na arte surge da necessidade comunicativa do “ser humano” com o contexto externo por intermédio de criações variadas no mundo. Essa forma de produção é o principal ponto que dará sentido a autenticidade, não permitindo que se torne uma reprodução quase idêntica, ou uma forma plagiada, nos moldes contemporâneos.

Neste sentido cabe o destaque para Heidegger, ao afirmar:

Quanto mais essencialmente a obra se abre, mais luminosa se torna a singularidade do fato de que é mais do que não é. Quanto mais essencialmente este impulso entra na região aberta, mais estranha e solitária a obra se torna. (Heidegger, 2005, p. 72).

Essa citação nos leva a entender, que a verdadeira obra deve trazer uma nova contribuição interpretativa de criação, mostrando que essa é a função do ser “verdadeiro”, “autêntico”. Sendo assim, ao conhecer a verdade, se afirma a autenticidade, mesmo quando se perde a originalidade após a recriação, pois remete-se a contribuição da semente originária, refletindo na significação do presente. A importância da conservação da obra original, torna-se necessário para que não se limite ao olhar material (físico) simplista, neste aspecto depende-se de compreender o trajeto de chegada ao pensamento expresso no objeto seja ele material ou imaterial.

De acordo com Ferrara (1998) em seu livro “Autenticidade Reflexiva” o contexto intersubjetivo do ser, reflete no entendimento sobre a autenticidade por se fazer necessário o olhar subjetivo adquirido na vida multicontextualizada, com suas diferenças necessárias para uma formação do contexto autêntico.

No âmbito imaterial, principalmente musical, maior intersubjetividade formará parte desse contexto, por ser menos tangível (palpável), o objeto apreciado.

De acordo com MENDES, DOURADO, CAVALCANTI (2008):

A Declaração de San Antônio (1996), enfatiza a importância de se considerar os valores atribuídos pelas comunidades no julgamento da autenticidade. Mesmo validando os critérios estabelecidos em Nara, a declaração propõe uma abordagem mais prática para autenticidade. São

listados cinco aspectos ou indicadores relacionados à conservação dos valores patrimoniais e da autenticidade: I) Reflexão do valor de verdade; II) Integridade; III) Contexto e/ou ambiente; IV) Identidade; V) Uso e função. (Mendes, Dourado, Cavalcanti, 2008, p. 8)

As composições dos cantos (marchas), na região de Cardoso Moreira, é um completo rito religioso de herança cultural, diferente de outras regiões. Os Mestres e integrantes da Folia se preparam em seu momento íntimo espiritual, e expõem o cumprimento de suas promessas, passando a ser parte principal na devoção musical religiosa em que a estética folclórica e o prazer ficam em um segundo plano no contexto ritualístico.

Neste momento, surge então a sensibilidade musical, que embora não tenha a maioria de seus componentes conhecimento técnico musical, estes possuem uma certa sutileza perceptiva musical, que se mistura com a linguagem do campo e a afinação de vozes divididas nas tonalidades harmônicas que se encaixam perfeitamente aos ouvidos musicais e não musicais.

O místico ritual religioso, se divide em cantar, tocar, e carregar a bandeira, esta última ocupa o lugar central privilegiado na Folia em que é a responsável por levar as bênçãos divinas materiais(dinheiro e bens) e imateriais (saúde, amor, paz).

“Ao receber a bandeira e passá-la pelos cômodos da casa, os devotos almejam receber bênçãos e purificar sua casa, limpando as energias negativas. E esperam que esses benefícios venham diretamente do objeto material, por meio de sua presença, proximidade, visibilidade e contato” (BITTER, 2010, p. 129).

O mestre de canto na Folia de Reis tem um papel de protagonista principal e religioso, em que se dota de um mistério em seus versos que serão entoados e como guia principal espiritual dos foliões que o respeitam como líder. Esse motivo

leva a um reconhecimento da comunidade admiradora e participativa do folguedo religioso como um fio condutor entre a devoção e Deus. Sendo assim, justifica-se este ser o “puxador” do canto, tendo como papel principal na Folia. Tem-se o dito “em que o mestre mandou”, como forma de ordem a ser cumprida evitando alguma revolta espiritual. Sendo ele então responsável por conduzir a musicalidade, a liderança e seu papel espiritual na folia.

Os versos não seguem ordens, podendo ser improvisados para aquele momento, assim como ensaiado em outro momento, tal fato presume a inteligência e mistério de conexão destes foliões (músicos) para bem cantar o narrado pelo mestre. Há autores que narram fatos como inspiração divina.

“Estes, ao estabelecerem uma relação de compromisso com a Folia de Reis, se comprometem no mesmo ato com os próprios Reis Magos, além de outros santos (BITTER, 2010).”

O sagrado no contexto da Folia de Reis é entendido pelos foliões e devotos como algo sublime, desse modo, não aceitam que o chamem de simples “folclore”, pois a crença no poder de afastamento do mal é, para eles, algo absolutamente real. BITTER, 2010, cita que as bênçãos são tão desejadas que a ameaça do mal é iminente, confirmando que há um grande esforço para seu afastamento.

A autenticidade mais visível do canto da Folia de Reis se forma no ineditismo das letras cantadas que se renovam a cada ano, às quais aspectos sociais se misturam as falas bíblicas cantadas pelo mestre.

No contexto musical, cabe salientar os momentos importantes de cada canto, sendo este característico para cada momento, ao chegar a uma casa a ser visitada, canta-se geralmente a história do nascimento de Jesus com o aviso da chegada da Folia, em sua saída sempre com o mito de “não dar as costas” a casa visitada, se retirando então de “marcha a ré”, cantando a despedida dos Reis Magos, e ao referendar a proprietária do imóvel se tem um canto de saudação e respeito por aquela residência.

Os integrantes da Folia de Reis de Cardoso Moreira relatam que momentos fortes, em que se presumem a influência do mal em suas visitas podem trazer

algumas intempéries como: perda rítmica, desafinação e esquecimento, fatos que se atrelam a sobrecarga negativa espiritual de integrantes do seu grupo ou de outros grupos que ali se fazem presentes. Interessante observar a miscigenação das culturas indígenas e africanas, somadas à portuguesa em todo o país, trazendo essa formação tão peculiar e autêntica, o que forma toda essa cor das festividades brasileiras que atrai todo o mundo.

A LINGUAGEM MUSICAL DA FOLIA DE CARDOSO MOREIRA

6.1 O processo de criação das composições

A relação entre canto e fé é parcialmente baseada no fortalecimento do seu mundo espiritual, orando e cantando suas canções ao longo da jornada para expressar devoção e cumprir suas obrigações para com os Três Reis como fortalecimento da fé, criando laços comunitários, tanto em seu contexto religioso tradicional, quanto em seu contexto Folclórico.

A mística mistura de devoção com os sertanejos caipiras e os “cumpridores de promessas” no intuito de obter a graça pela saúde, ou o rendimento do plantio, resulta de forma fundamental na criação rítmica e melódica do canto da folia.

Sabe-se que compor não é um simples trabalho de escrita pensada, demanda inspiração, “dom” e potencial conhecimento. Com isso, imagine-se o que é compor de improviso, ou ter os pressupostos já citados em um momento transcendental em sua maioria com presença de pessoas e objetos. Como, de fato, poderia atrapalhar a conexão com o transcendental em sua maioria com presença de pessoas e objetos, fato que poderia atrapalhar a conexão com o espiritual.

A Folia de Reis possui como ponto forte a característica de criação quando pensada no âmbito das narrativas advindas do chamado “dom divino”, em que os mestres, palhaços e foliões nem mesmo são capazes de trazer tais talentos para o dia-a-dia, ou seja, sem a folia não consegue versos e falas de improviso para o canto. Esse fato ocorre de forma a não ser explicado neste momento, talvez em um outro, ou de outra forma pois como já declarado, temos total respeito àquilo

que eles não gostam de relatar, tendo sempre uma resposta não argumentativa do tipo: é dom; vem de Deus; não sei explicar, dentre outras justificativas.

A observação participante torna fácil entender que aquele momento espiritual em que cada palhaço e mestre tem em seu “canto” demonstra a busca dessa inspiração e, por ser somente deles, parece que buscam ali o seu potencial “improvisatório” e a conexão com algo além do humano, que aqui chamamos de “transcendental”. Esses participantes não escondem que esse ritual faz parte desta conexão, porém entrar em matéria de como chegarem até este momento é tarefa árdua para o pesquisador, demanda cautela, cuidado e até mesmo um pouco de crença.

No aspecto cultural os sentidos se tornam objetos que diferenciam o que imaginamos do mundo visível, com isso podemos destacar que o som, está no imaginário e por mais “limpo” e nítido que possamos ouvir, é totalmente invisível e intocável.

O som tem um poder mediador, hermético: é o elo comunicante do mundo material com o mundo espiritual e invisível. O seu valor de uso mágico reside exatamente nisto: os sons organizados nos informam sobre a estrutura oculta da matéria no que ela tem de animado. (Wisnik, 1989, p.28) .

Para se contextualizar, é necessário relatar na linguagem musical, em que se tem as notas “terças”, que são denominadas sentimentais, e trazem em si um “notar melódico maior e menor, e estes representam certa “alegria” ou “tristeza”, consagrada nas harmonias quando se juntam para formação de acordes perfeitos. Posicionam-se também nesse liame os acordes denominados tensionadores, que geram uma certa angústia, denominados “sétimos”. Já os trítomos ou quartas aumentadas trazem em si uma certa instabilidade, fato que na música medieval foi evitado, já que demonstrava uma conectividade com o diabo, e a segunda menor traria em seu contexto um poder sedutor e conquistador.

Com isso já temos elementos para visualizar a música das alturas como uma multiplicidade de acontecimentos, de movimentos relativamente estáveis e instáveis, entremeando suas diferenças como um trabalho de forças. (Wisnik, 1989, p.64)

No contexto supracitado e comparado nas melodias religiosas, observa-se o sentido em cada momento, pois se criam expressividades representativas com as melodias, enquanto se fala de dor, tristeza, dificuldades, nas melodias menores - até os dias atuais tocam-se, em sua maioria, em notas menores - sendo assim, em melodias maiores, destaque para alegria, “positivismo”. Na folia de Reis tocam sempre em tons maiores, pois se tratam de sonoridades alegres para o nascimento do menino Jesus em Belém, em que os Reis magos vão a sua procura com presentes, na Judeia, onde é motivo de alegria e devoção o seu nascimento.

6.2 O improviso do canto

O processo de improvisação da Folia de Reis de Cardoso Moreira segue um rito musical que acompanha os padrões melódicos semelhante ao conhecido gênero musical sertanejo, que por ser uma melodia musical mais simples, quando comparado a bossa nova e outros estilos musicais, cria-se também maior possibilidade de improvisação, em que se distribui seus acordes em (I – V – IV – V – I) como descrito a seguir.

<p>Acordes utilizados</p> <p>I - IV - V</p>	<p>Encadeamentos utilizados</p> <p>I7 - IV V7 - I</p>
<p>Categoria nativa para os acordes - Posições (Exemplo na tonalidade de Mi maior)</p> <p>I (Mi maior) - Primeira de Mi IV (Lá maior) - Segunda de Mi V (Si maior) - Terceira de Mi</p>	

O processo denominado 1(primeira), 4(quarta) e 5(quinta) com evolução das 7 (sétimas) para um novo ciclo repetitivo, resume a explanação da figura acima.

Na Folia de Reis, destacam-se o processo de composição por intermédio do que podemos denominar de improviso informal. O improviso ele possui as características de criação, porém em tempo real, isso significa que de forma geral seria uma composição musical “imediata” enquanto esta sendo tocado ou cantado. Assim, podemos destacar que esse processo de improviso informal, nada, mas é que o improviso juntamente com a criatividade que para estes foliões vem do divino, em que não se tem um aprendizado prévio em escolas musicais ou de canto, que chamo neste momento de “formal” para se diferir do informal.

Alguns dos poucos estudos ainda não compreendem e, obviamente, são insuficientes em suas tentativas de explicarem tal fato por se dar num campo espiritual, tarefa complexa e que requer um tratamento muito cuidadoso. Este processo criativo atravessa vários momentos que podemos denominar como estágios de criação, iniciando pela devoção, passando pelo respeito, entendimento, sentindo a espiritualidade, recebimento do dom, até o momento da composição pelo momento “improvisatório” proveniente do divino.

6.3 Comparações rítmicas e melódicas das Folias de Reis Cardosense

Tirando como base a observação dos cantos dedicados aos Três reis magos (Baltazar, Melchior e Gaspar) e as cantigas, busco evidenciar suas principais características, com isso não somente estruturam a musicalidade e, sim, também validando a experiência com a fé, onde neste meio a música é um objeto que aqui denominamos como ponte.

Sobre as transcrições, optei por adotar a notação tradicional, para servir de referência devido às características de práticas musicais tonais, dando ênfase as suas singularidades (a forma de canto e o tocar dos instrumentos), entendendo cada característica dos foliões juntamente com sua afinação própria, expressão, timbragem e tipo de instrumento. Assim sendo, cada partitura apenas indica o que

ocorre realmente na prática, exemplos musicais que são contextualizados com cada desempenho.

No intuito de manter e esclarecer melhor nossos argumentos, adaptei algumas formas para cada instrumento em específico, penso como forma de facilitar o entendimento das estruturas musicais, mesmo aos que não são familiarizados com a linguagem musical, tecendo um paralelo com as etapas ritualísticas e de apresentação.

As notações musicais descritas comparadas neste tópico, seguem o padrão da Folia Estrela Oriente do Bananal, e Folia Estrela do Mar (ambas formam a estrutura da Folia de Reis Cardosense).

A delimitação dessa pesquisa na investigação da Folia de Reis Cardosense não permitiu neste momento investigação e discussão etnomusicológica, com isso, acredito que a observação integral desta deixa margem para novas pesquisas, mas, entendo ter contribuído significativamente para o modo de manifestação utilizando a música no ritual.

Início então de forma geral exemplificando o primeiro padrão rítmico definido na célula rítmica básica representada dessa forma entre 45 e 65 b.p.m (batimento por minuto)

Score

Padrão Geral das Duas Folias

Padrão

The musical notation is written on a single staff in 4/4 time. It begins with a double bar line and a 4/4 time signature. The sequence of notes is: a dotted quarter note, a quarter note, a quarter note, a dotted quarter note, a quarter note, and a quarter note. The notation ends with a double bar line.

Nessa primeira notação norteia todos os instrumentos e vozes dos versos. Com essa noção rítmica organizam-se as sugestões rítmicas das melodias de ambas as Folias - (Estrela do Mar e Estrela Oriente do Bananal) que formam a Folia Cardosense - construídas criando padrões e variações nos ritmos de cada instrumento, facilitam assim a compreensão dos versos de forma clara, além de

favorecer o processo de improvisação.

O folião com base neste padrão cria suas próprias habilidades musicais na tentativa de criar variações que nem mesmo este sabe o nome e que é denominado como improvisado.

A variação rítmica mais comum entre estas podemos destacar com alguns instrumentos musicais a seguir:

Score

Ritmo padrão do Triângulo nas 2 Folias

Triângulo




OBS.:
AS DUAS FOLIAS UTILIZAM O TRIÂNGULO, PORÉM EM HINOS MAIS MELANCÓLICOS EVITAM ESSE INSTRUMENTO.

A caixa mantém o ritmo, porém a baqueta traz a variação pela técnica e possibilidade de vários toques ao mesmo tempo, como exemplo:

Score

Ritmo padrão da caixa nas 2 Folias

Caixa



OBS.:
AS DUAS FOLIAS SE BASEIAM NESSE PADRÃO, PORÉM UTILIZAM MENOS NOTAS QUANDO SE TRATA DE UM RITMO MAIS MELANCÓLICO.

O bumbo por vezes deixa de tocar um tempo como uma forma de improvisado, pensando que o “silêncio” não esperado também faz parte

Score

Ritmo padrão do Bumbo nas 2 folias



OBS:

AS DUAS FOLIAS UTILIZAM ESSE RITMO ACIMA , PORÉM EM ALGUNS CASOS OMITEM O SEGUNDO BUMBO.

O surdo embora sempre preencha os vazios do bumbo, sua forma de improvisação é instável de folião para folião, vez que estes tentam criar sem preocupação com os demais instrumentos que por vezes chegam a errar em suas tentativas.

Score

Ritmo padrão do surdo nas 2 Folias



OBS.:

TODAS AS DUAS FOLIAS UTILIZAM PAUSA NOS PRIMEIROS TEMPOS DOS COMPASSOS, DEIXANDO ESSA FUNÇÃO PARA O BUMBO.

Para manter o exemplo seguido, optei por destacar três instrumentos harmônicos como complemento dessa base ritmica e suas variações (violão, cavaquinho e acordeon), temos:

Cavaquinho

(Afinação D,G,B,D)²⁹

Violão

(Afinação E,A,D,G,B,E,)

Acordeon

Nessas variações rítmicas percussivas (bumbo, surdo, triângulo e caixa)

²⁹Afinação e Acordes Indicadas através do sistema de cifras: C=Dó | D=Ré | E=Mí | F=Fá | G=Sol | A=Lá | B=Si # = sustenido ♭ = bemol

acompanhadas da harmonia e melodia, para melhor exemplificar (cavaquinho, violão e acordeon) notamos que, embora os foliões não entendam conceitualmente de improvisação ou ritmo, por não possuírem conhecimento teórico musical, realizam maravilhosas sinfonias, valendo-se somente de suas habilidades e, de forma indireta, criam a base de uma das principais toadas da folia.

Vale lembrar que este processo rítmico e melódico somente ocorre no momento em que o ritual não é cantado, entendem que podem “bagunçar o canto se derem viradas”, traduzindo, se criarem improviso nas variações rítmicas, podem atrapalhar o andamento do canto, esses indivíduos são denominados de “firulelos” e são admoestados pelo próprio mestre.

O padrão rítmico apresentado com suas variações enfatiza o respeito dos foliões tocadores aos mestres, contramestres e cantores, por entenderem a finalidade do canto – a passagem de uma mensagem por versos. Com variadas improvisações instrumentais, juntamente com os versos, iria dificultar a compreensão dos versos, demonstrando também desrespeito aos santos Reis, a sua conduta de valores religiosos e morais está igualmente presente no seu contexto musical.

Nesse aspecto fica claro que a prática musical possui princípios de comprometimento, humildade, respeito e companheirismo, pensando de forma recíproca que o destaque religioso é sempre o principal, além de manter o sincronismo e o diálogo instrumental. Por esse motivo o momento dos improvisos é feito em momentos específicos, em que sua criatividade musical não pode ultrapassar o limite de relação de hierarquia do sentido devocional, ou do propósito a que se propôs.

Assim sendo, entendo que ao observar tais situações, a música da Folia de Reis possui um aspecto de justificação, quando se tem um resultado sonoro específico em que se somam a um aspecto social de respeito aos devotos na condução de interação entre folia, fé e comunidade, não importando a sua habilidade em destaque e, sim, a troca entre o divino e o humano.

A forma prática da música aprendida no ambiente da folia de reis reforça as estratégias de compartilhamento musical, pelo qual há um intercâmbio entre

instrumentos na ausência de foliões essenciais. As características harmônicas possibilitaram ainda mais que novos foliões interagissem na prática, pois os instrumentos harmônicos utilizados ainda hoje são objetos de grande desejo de muitos que tocam. Destaco nesse ponto o aprendizado por meio da purificação do ouvido, quando esses instrumentistas acabam aprendendo pela tamanha exposição, afinal, são tantas as repetições melódicas cantadas e tocadas que, desse modo, acontece uma espécie de formação musical da folia. Como exemplo podemos citar os acordes utilizados de forma sequencial³⁰.

Cada instrumentista folião toca seu instrumento de acordo com as próprias habilidades criadas na aprendizagem informal, suas variações rítmicas e técnicas de movimento das mãos direita e esquerda (como no violão, mão direita movimento e esquerda digitação) ocorrem de modos diferentes em cada instrumento, contudo, sem deixar de lado as características musicais da toada na execução do canto de reis.

6.4 Relato de experiência na transmissão Musical da escolinha de foliões

O presente relato faz parte de um trajeto muito breve que vivi na escolinha de foliões, os quais tentam por si só manter a tradição que para eles se encontra em processo decadencial, acabando por falta de interesse e, dentre as formas de tentar mantê-la viva, estaria a própria Música, fato que mostra que tal prática foi um caminho possível para que jovens e adolescentes se interessassem pela Folia de Reis. Na escolinha de foliões, a transmissão do conhecimento musical da Folia de reis de Cardoso Moreira se inicia com uma formação organizacional em que são simulados os posicionamentos dos cantores e tocadores, em seguida, após aproximação do instrumento que mais agrada ao executante, ocorre o momento da escolha de tal instrumento, a seguir, sempre como referência, os mestres pegam um instrumento que será o padrão dos ensinamentos rítmicos, geralmente utilizam os bumbos, com a marcação forte na primeira nota, com posterior preenchimento das caixas, seguido por melodias e sequencialmente os cantos, dando sentido a ordem lógica da performance.

³⁰ citado no quadro anterior

Os cantores utilizam como padrão a tônica vocal - voz principal ou guia - buscando uma segunda voz, a partir desta, elevando até uma quinta nota; as demais vozes sempre acompanham os registros mais graves do que a primeira em que se utilizam de terças formando assim uma espécie de tríade. Brandão (1981) destaca que esses pequenos gritos agudos formam acordes sobrepostos de outras vozes oscilando e transpondo modulações nas harmonias de cada canção cantada.

Os instrumentos harmônicos e melódicos dificilmente são ensinados nestes ambientes, e quando solicitado são indicados a irem às casas daqueles tocadores para dar continuidade ao ensino. Os tocadores harmônicos e melódicos utilizam seus instrumentos por aproximação de suas vozes aguçando seus ouvidos a afinação mais próxima do seu entendimento daquele que tanto se ouviu no universo musical. Dentre eles, raros são aqueles que conhecem as notas musicais.

Observo que nos variados instrumentos percussivos há uma certa predominância, embora exista outros, contudo os mestres buscam ensinar aqueles em que sabem seu manuseio, dentre eles pandeiros, caixas ou tarôs, surdos e chocalhos, esses são instrumentos com os quais os mestres ensinam a rítmica de acompanhamento, ou seja, de forma cultural e predominante do que se foi observado, imitam-se aqueles que conhecem e tocam tais instrumentos. O pandeiro é o instrumento pouco procurado para se aprender, pois observamos seu uso depender de técnicas diferenciadas e pouco dominadas por mestres e alguns tocadores, contrariamente a caixa que, por sua facilidade e potencial sonoro e utilização de baquetas (outro/novo objeto), prevalece como o instrumento mais procurado para o aprendizado.

Os mestres utilizam de jargões confortáveis ao entendimento daquela cultura local, palavras de fácil entendimento aos receptores, formando uma forma metodológica de explicação e repreensão. Dentre os jargões mais utilizados, citamos:

- “ Me acompanhe, e não deixa cair”;
- “tá errado, tá errado”;
- “tá atravessando tudo”;
- “ Atenção na batida forte do bumbo”;
- “ Tá caindo”;
- “ A caixa tem que preencher os vazios”;
- “Vem completando com os chocalhos”;
- “Olha sempre para mim e minha mão que vou ditar o ritmo”.

O método utilizado evidencia que a repetição, com olhar atento de observação e posterior imitação de forma simples da transmissão, garantem aos futuros foliões, cantores, tocadores rítmicos e melódicos o potencial de participar e pertencer a cultura. Ainda que de forma ingênua, sem a corroboração que a pesquisa irá nos fornecer, buscando apoio em algumas pesquisas bibliográficas, podemos avançar que a folia cardosense, de forma ampla, apresenta uma combinação rítmica, manifestando, aparentemente, alguns estilos do tipo mineiro, paulista e baiano (como vozes, melodias e ritmos). Os estilos observados e com identificável semelhança com a Folia de Reis de Cardoso Moreira, fazem referência aos arredores de nossa região, aliados às influências que se baseiam em algumas características específicas.

Os mestres interpretam de forma genérica, que ambientes externos das escolas de ensino, talvez consigam melhores resultados com a informalidade e que sem dúvida é possível aprender e ensinar música fora dos padrões convencionais conhecidos por muitos.

6.4. Criando registros musicais

A pesquisa buscou, no conjunto de objetivos, não perder os possíveis registros musicais, nos quais se observa que, devido às influências e, de tempos em tempos, o surgimento de algo tecnológico ou até mesmo instrumentos, pode influenciar a mudança musical como ocorre em vários outros estilos já citados.

Neste aspecto que utilizo similarmente de forma subjetiva o conceito de volatilidade sonora do canto da Folia de Reis, em que a música apesar de ser

transformado por instrumentos físicos juntamente com a voz humana, pode ser entendida como “passageira” quando não registrada, e, sendo assim, pode-se perder preciosos momentos, culturas, entre outros. Para o nosso objetivo, foram elaboradas partituras musicais e registros audiovisuais para a equivalência da formalidade e respaldo para a escrita, em que formará o acervo histórico cultural da cidade. Segue alguns registros musicais observados e escritos.³¹

REGISTRO MÚSICA PADRÃO 1 – Toque do Ciclo 2017

Score

Folia 1

Bumbo

Percussion 1

Triângulo 2

Caixa 3

Surdo 4

Violão

Acordeon

³¹ os escritos serão apresentados de forma Sonora no programa FINALE.

Musical score for a percussion ensemble. The score is in 4/4 time and consists of six staves:

- Trgl. (Triangle):** Features a rhythmic pattern of eighth notes with accents, starting at measure 5.
- Cym. (Cymbal):** Features a rhythmic pattern of quarter notes with accents, starting at measure 5.
- B. Dm. (Bass Drum):** Features a rhythmic pattern of quarter notes with accents, starting at measure 5.
- Perc. (Percussion):** Features a complex rhythmic pattern with eighth notes and accents, starting at measure 5. Chord symbols F, C, G7, and C are indicated below the staff.
- Ae. Gtr. (Acoustic Guitar):** Features a rhythmic pattern of eighth notes with accents, starting at measure 5. Chord symbols F, C, G7, and C are indicated below the staff.
- Acc. (Accordion):** Features a rhythmic pattern of eighth notes with accents, starting at measure 5.

REGISTRO MÚSICA PADRÃO1 – Violão

Musical score for Violão (Acoustic Guitar) in 4/4 time. The score consists of two staves:

- Staff 1:** Features a rhythmic pattern of eighth notes with accents. Chord symbols F, C, G7, C, and C7 are indicated above the staff.
- Staff 2:** Features a rhythmic pattern of eighth notes with accents, starting at measure 5. Chord symbols F, C, G7, and C are indicated above the staff.

REGISTRO MÚSICA PADRÃO 1 – Triângulo

Musical score for Triângulo (Triangle) in 4/4 time. The score consists of two staves:

- Staff 1:** Features a rhythmic pattern of eighth notes with accents, starting at measure 5.
- Staff 2:** Features a rhythmic pattern of eighth notes with accents, starting at measure 5.

REGISTRO MÚSICA PADRÃO 1 – Surdo

Two staves of musical notation for the Surdo. The first staff contains measures 1 through 4, and the second staff contains measures 5 through 8. The notation features a series of eighth notes and rests, characteristic of a basic surdo rhythm.

REGISTRO MÚSICA PADRÃO 1 – Caixa

Two staves of musical notation for the Caixa. The first staff contains measures 1 through 4, and the second staff contains measures 5 through 8. The notation consists of eighth notes and rests, representing a basic caixa rhythm.

REGISTRO MÚSICA PADRÃO 1 – Prato

Two staves of musical notation for the Prato. The first staff contains measures 1 through 4, and the second staff contains measures 5 through 8. The notation uses 'x' marks to indicate specific rhythmic patterns, likely representing the 'prato' (cymbal) part of the ensemble.

REGISTRO MÚSICA PADRÃO 1 – Bumbo

Two staves of musical notation for the Bumbo. The first staff contains measures 1 through 4, and the second staff contains measures 5 through 8. The notation features quarter notes and rests, representing a basic bumbo rhythm.

REGISTRO MÚSICA PADRÃO 1 – Acordeon

Accordion

F C G7

Acc.

4 C C7 F C

Acc.

7 G7 C

REGISTRO MÚSICA PADRÃO 2 – Toque do Ciclo 2017

The musical score is arranged in two systems. The first system includes:

- Bumbo:** A single-stem staff with a 4/4 time signature, featuring a steady quarter-note pulse.
- Caixa 1:** A single-stem staff with a 4/4 time signature, featuring a rhythmic pattern of eighth notes with accents (>>>).
- Surdo 2:** A single-stem staff with a 4/4 time signature, featuring a rhythmic pattern of eighth notes.
- Acordeon:** A grand staff (treble and bass clefs) with a key signature of one sharp (F#) and a 4/4 time signature. The melody is primarily in the treble clef, while the bass clef provides a harmonic accompaniment.

The second system includes:

- Di. Dm.:** A single-stem staff with a 4/4 time signature, featuring a steady quarter-note pulse.
- Perc. 1:** A single-stem staff with a 4/4 time signature, featuring a rhythmic pattern of eighth notes with accents (>>>).
- Perc. 2:** A single-stem staff with a 4/4 time signature, featuring a rhythmic pattern of eighth notes.
- Acc.:** A grand staff (treble and bass clefs) with a key signature of one sharp (F#) and a 4/4 time signature. The melody continues in the treble clef, and the bass clef provides a harmonic accompaniment.

Rehearsal marks (6) are present at the beginning of the second system for the Di. Dm., Perc. 1, Perc. 2, and Acc. parts.

REGISTRO MÚSICA PADRÃO 2–Acordeon

Accordion

Acc.

REGISTRO MÚSICA PADRÃO 2 – Bumbo

REGISTRO MÚSICA PADRÃO 2 – Surdo

REGISTRO MÚSICA PADRÃO 2 – Caixa

6

REGISTRO MÚSICA PADRÃO 3 – Toque do ciclo de 2017

Bumbo

Triângulo 1

Pandeiro 2

Surdo 3

Acordeon

B. Dm.

Perc. 1

Perc. 2

Perc. 3

Acc.

5

REGISTRO MÚSICA PADRÃO 3 – surdo



5



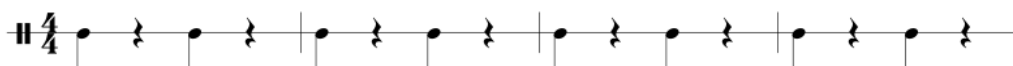
REGISTRO MÚSICA PADRÃO 3 – Pandeiro



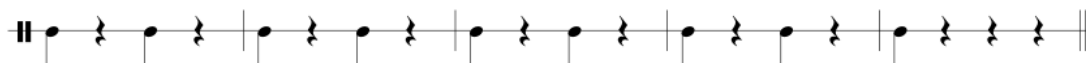
5



REGISTRO MÚSICA PADRÃO 3 – Bumbo



5



REGISTRO MÚSICA PADRÃO 3 – Acordeon

The image displays two systems of musical notation for an accordion. The first system is labeled 'Accordion' and the second is labeled 'Acc.'. Both systems are in 4/4 time. The first system consists of four measures: the first measure has a treble clef with a series of eighth notes (G4, A4, B4, C5) and a bass clef with a series of eighth notes (F3, G3, A3, B3); the second measure has a treble clef with a dotted quarter note (G4) and an eighth note (A4), and a bass clef with a dotted quarter note (F3) and an eighth note (G3); the third measure has a treble clef with a dotted quarter note (B4) and an eighth note (C5), and a bass clef with a dotted quarter note (A3) and an eighth note (B3); the fourth measure has a treble clef with a dotted quarter note (C5) and an eighth note (D5), and a bass clef with a dotted quarter note (B3) and an eighth note (C4). The second system is labeled '5' at the beginning and consists of five measures: the first measure is identical to the first measure of the first system; the second measure is identical to the second measure of the first system; the third measure is identical to the third measure of the first system; the fourth measure has a treble clef with a dotted quarter note (C5) and an eighth note (D5), and a bass clef with a dotted quarter note (C4) and an eighth note (D4); the fifth measure has a treble clef with a dotted quarter note (D5) and an eighth note (E5), and a bass clef with a dotted quarter note (D4) and an eighth note (E4). The notation includes treble and bass clefs, a key signature of one flat (Bb), and a 4/4 time signature.

CONCLUSÃO

O presente trabalho buscou uma análise da Folia de Reis Cardosense – composta pelas Folias de Reis; Estrela do Mar e Estrela Oriente do Bananal - no aspecto musical, de criação, ressignificação onde de forma inédita foi possível registrar suas expressões, compreendendo sua importância para a cidade e reavivando o pertencimento na manifestação da religiosidade popular, não somente em Cardoso Moreira, mas também da cultura popular brasileira.

Com o trajeto da chegada da folia no Brasil, iniciei com uma análise conceitual de forma essencial para o trabalho, tratando de cultura patrimônio e identidade, trazendo assim parte da história em que se forma a festa folclórica popular que de fato tem uma grande contribuição para a cultura brasileira.

Sobre a análise patrimonial, podemos destacar as normas brasileira em que se trata o assunto estudado de forma embasada pela legislação e principalmente reforçando a necessidade de registro como patrimônio brasileiro, fato ainda no ocorrido.

A análise da relação entre canto e fé é parcialmente baseada em como os membros do grupo folia de reis fortalecem seu mundo espiritual orando e cantando suas canções ao longo da jornada para expressar devoção e cumprir suas obrigações para com os Três Reis.

A Folia de Reis no Brasil, nos remete às influências portuguesas e espanholas, trazendo um sentido pluricultural do patrimônio brasileiro, aliado às influências culturais regionais constituindo-se numa característica própria, regionalizada da Folia de Reis da cidade de Cardoso Moreira no Estado do Rio de Janeiro.

A região norte e noroeste do Rio de Janeiro, ainda alimenta esse patrimônio histórico cultural, dentre elas aos redores de Cardoso Moreira, Italva, Itaperuna, São Fidelis, Cambuci, Campos dos Goytacazes, nos quais utilizo alguns parâmetros comparativo de suas melodias, ritmos e letras para sintetizar e registrar as características próprias da Folia de Reis em Cardoso Moreira. Busco relatar uma trajetória por intermédio de estudos feitos pelas narrativas dos foliões, sociedade, provocando reflexões, atuando de forma a não perder o momento histórico, por se tratar de pessoas bastante idosas o que põe fatalmente em risco o patrimônio.

A exposição dos referenciais teóricos como Carlos Brandão – um grande escritor sobre o tema - reafirma que apesar de poucas obras estas são de tremenda importância, entendendo de forma sutil e completa a devoção em suas origens, com suas principais características, que somadas as observações participantes e as demais técnicas de pesquisa relatada ao longo do texto consegue trazer à tona algumas das principais características da Folia de Reis e as mudanças ocorridas por suas ressignificações desta rica cultura popular de Cardoso Moreira.

Um dos resultados desta pesquisa, evidencia que o folguedo ainda possui grande expressividade contemporânea, com total importância social e cultural para o município e o país, com uma mistura de devoção com “crença”, somado a

feira cultural e religiosa, com resultado patrimônio imaterial de algumas cidades – como em Cardoso Moreira, em busca de salvaguarda.

O respeito em que os foliões tratam a sua cultura devocional é inacreditável, somente o olhar observador consegue descrever, ainda que tentamos escrever esta forma sentimental há um grande distanciamento por parte do pesquisador para adentrar tal primícias.

A Folia de Reis Cardosense é composta por tocadores músicos, mestres e contramestres, alferes e palhaços, denominamos assim que no âmbito Nacional trata-se de uma folia “completa” ao observar sua estrutura. Os foliões geralmente se repetem a cada ano, porém sempre renovando e oportunizando os jovens frequentadores da escolinha de foliões na tentativa de manter viva a cultura devocional, demonstrando total respeito em ambas as formas de pensar.

A busca por registros desses movimentos tem o seu valor porque visa a observar a prevalência ou mudanças dos valores estéticos nos mais variados contextos sociais, reafirmando valores passados e levando ao presente e também ao futuro suas recordações memoráveis do que já foi adquirido em termos de valores políticos, culturais e sociais.

Entendo que a escolinha de foliões como em outras culturas musicais de transmissão informal, quando ensinado pela audição, visualmente aprendendo e tocando, também é uma espécie de prática coletiva de ensino que pode ser conservada com características culturais, Para Brandão (1984) tudo que se passa no ritual ensina, e assim tem se um processo cultural de aprendizagem. Esse processo de observar e aprender também é uma forma de transmissão do conhecimento cultural, como mais um mecanismo de se manter a tradição.

A cadeia de aprendizado é tão importante que até mesmo os foliões de outras comunidades aprendem a diversificação daquela folia e forma novas manifestações em suas comunidades, confirmando as influências musicais sofridas com o decorrer do tempo.

A profundidade do Improviso no momento “transcendental” dos palhaços e Mestres, é tão complexa que por maior profundidade que se pesquise é pouco para chegar a descrever o que os foliões conseguem sentir. Este aspecto é totalmente abstrato e subjetivo, formando uma complexidade que acreditamos ser pouco provável adentrar neste sentido. Primamos por não adentrar tão especificamente para que não pudéssemos ser invasivos ao sentido espiritual da devoção, fato não muito agradável para eles, apesar de quando tocam neste assunto sentem-se a força da própria vida, acredito que por se tratar da sua constituição de identidade.

A expressão da fé católica por meio da Folia de Reis é reafirmada a cada momento por seus foliões cardosense, em suas entrevistas, exemplos de vida, testemunhos, dentre outros, chegando ali a tratar sua fé.

Sobre a temática musical, o resultado da pesquisa nos mostra que ocorreu uma significativa influência dos estilos musicais sobre a forma musical das Folias Cardosenses, vez que esses são recriados e reinventados a todo o tempo pelas formas de improvisações. Se entendermos que a cada momento ocorre uma nova ressignificação e reinvenção das culturas é certo que as influências e mudanças sonoras ocorrerão.

Os foliões cardosenses, ainda sobrevivem com a Folia de Reis que o faz parte pela resistência com a devoção, que mesmo pelo abandono público estes buscam vencer todas as dificuldades ao longo do tempo, como gastos com instrumentos, vestimentas, e o agravamento pela entrada do evangelismo em massa em Cardoso Moreira³². Essa convicção de fé reforça a forma de manutenção da cultura, que hoje na cidade contamos com apenas 32 (trinta e dois) foliões, contudo a aproximadamente 15(quinze) anos atrás tínhamos mais de 50 (cinquenta).

Os mestres e os demais foliões reafirmam a todo o momento a preocupação de que o folguedo acabe. E buscam alternativas, como a escolinha

³²Atualmente contabilizei 86 igrejas evangélicas “protestantes” em uma cidade com 12.600 habitantes.

de foliões fundada em 2017 na sede da Folia Estrela do Mar, na tentativa de continuar repassando as formas fundamentais da folia iniciado pela música. Quando perguntado aos jovens de forma informal, estes deixam claro que realmente querem ser um o tocador.

Essa tentativa vem dando certo, concorrendo a editais para custear os gastos com instrumentos e vestimentas, porém alguns jovens por ainda não compreenderem o sentido da devoção acabam desanimando de frequentar a escolinha e assim temos uma evasão muita grande.

Essa educação “cultural” não pode ficar somente restrita a escolinha de foliões, necessitamos de outros projetos musicais ou que contenha este aspecto, porém de apoio a cultura local.

O Ministério da Cultura – MINC, com a estrutura em âmbito nacional tem essa função que ainda é pouco disseminada, embora tenha como primícias a salvaguarda do patrimônio material e imaterial brasileiro.

Embora tenhamos a participação pequena da comunidade, ainda é necessário dialogar constantemente com as comunidades, para a garantia das condições necessárias de permanência das manifestações culturais, para que estas sintam-se pertencentes. Entendo que mais importante que a fluidez cultural social, proteção, e manutenção, é o cuidado para que este bem não se transforme em espetáculos para o turismo, com intuito de se beneficiarem economicamente, perdendo assim o sentido devocional, cultural e religioso. Caso isso ocorra será perdido rapidamente sua grande função assim como exemplo o carnaval do Rio de Janeiro.

O conceito de cultura afirmado por Geertz (1997), uma teia de significados que o próprio homem teceu em sua relação com os outros e que devem ser analisados em busca de compreender seus sentidos, os quais a linguagem falada não tem capacidade para representar em toda sua complexidade. Esses significados são relativos a valores, normas sociais, aspectos morais, crenças, comportamento entre outros. E dessa forma, toda a arte faz parte de um sistema

maior de simbologias que é a cultura. O sentido poderá ser interpretado se formos capazes de compreender a ponte entre o que se produziu e a cultura.

Podemos concluir que a capacidade humana de dar sentido as suas interpretações culturais, variando de um povo a outro, ou de um individuo a outro, se torna um produto para as experiências coletivas indo além do imaginável de suas possibilidades e experiências. Esse processo cria experiências além de sua capacidade que conluo ser uma forma de sensibilidade.

A participação no sistema particular que chamamos de arte só se torna possível através da participação no sistema geral de formas simbólicas que chamamos de cultura, pois o primeiro sistema nada mais é que um setor do segundo. Uma teoria da arte, portanto é, ao mesmo tempo, uma teoria da cultura e não um empreendimento autônomo. E, sobretudo se nos referimos a uma teoria semiótica da arte, esta deverá descobrir a existência desses sinais na própria sociedade, e não em um mundo fictício de dualidades, transformações, paralelos e equivalência (GEERTZ, 1997,p.165)

Neste sentido, Geertz (1997) nos ajuda a concluir que ao estudar as manifestações culturais, ou seja, analisando a sonoridade, e outros aspectos das mesmas, é possível perceber elementos mais gerais representados. E nesse contexto, investigar nessa teia de significados que chamamos de cultura, na medida em que a teoria da arte é a própria teoria da cultura e a primeira está submetida à segunda, pode-se captar por meio das mesmas um tempo passado/presente, compreendendo a vivacidade e capacidade de reinvenção que essa forma de arte adquire.

A Constituição Federal Brasileira de 1988 em seu inciso 1º do art. 215 determina que “O Estado protegerá as manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, e de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional. O que significa dizer que o Estado se responsabiliza em prover os meios necessário para a preservação das manifestações culturais, compreendidas como parte inseparável da formação civilizatória do país.

Tal conceituação permite pressupor que tais atores partilham sentidos e que se remetem a uma memória coletiva passada. Ao mesmo tempo em que

devem ser os próprios atores sociais a classificarem as diferenças culturais significativas e que os classificam com esse título.

Na esteira desses direitos, citados acima e reconhecidos por meio da constituição, que buscaram salvaguardar os modos de vida e cultura das comunidades tradicionais, surgiram outras referências legais relevantes.

Tais conquistas legais são marcos importantes para fomentar a discussão e incentivo a uma nova forma de pensar as manifestações religiosas culturais na sociedade, mas interessa saber, ainda, sobre o que precede e coexiste às normas jurídicas: os modos de vida, as formas de engajamento e representações que os atores sociais exercem no seu cotidiano, ou seja, ao que atribuem significado.

É relevante tratar, de arte, sonoridade e cultura no momento social que vivemos. Para isso é necessário compreender a musicalidade para além do que se habituaram nossos ouvidos (no caso, a música “tonal” europeia) para permitir-nos outras sensações e tipos de conhecimentos em relação à diversidade de arranjos sonoros, como as músicas.

A música brasileira é vasta, rica e se respalda em diversas influências, europeia, africana, entre outras culturas. Havendo uma mistura, não é possível compreendê-la a partir de um “purismo” ou de concepções cristalizadas num estudo acerca de suas origens. A pesquisa em questão se interessa em reconhecer e compreender as ressignificações que as adquirem no contexto atual. Nesse sentido a obra de Mário de Andrade “Ensaio sobre a música brasileira” (1972), na qual expressa um estudo do folclore nacional a fim de catalogar às influencias do homem do campo para a composição de uma identidade musical brasileira nos ajudou a nortear a busca por este tema.

Para Andrade (1972) é necessário romper com a perspectiva que trata e valoriza a música brasileira como exótica para apreender seus sentidos e hibridismos. Ao valorizar as populações tradicionais e suas composições se contrapõe às elites da época que inspiradas num *modus operandi* europeu estético buscavam reprimir. Falar do nacional, nessa vertente, é ressaltar as

produções e modos de vida popular. Assim, seu trabalho têm um forte cunho social na defesa de um projeto nacional.

Compreender que som, ruído, silêncio são formas de comunicação e buscar entender que não apenas as letras, mas as melodias e ritmos pressupõem um tipo de conhecimento específico (aquele abarcado pelos sentidos e que desperta emoção) é de suma relevância para uma pesquisa que pretende se aproximar dos significados que os atores atribuem as suas práticas culturais e aos seus modos de vida. O som é onda que vibra e nos atinge, fazendo pulsar, influenciar na respiração, na frequência cardíaca e se expressar nos corpos, da mesma forma que esses expressam também sonoridade (WISNICK, 1999). Entende-se aqui expressões corporais e musicais como uma forma de linguagem, sendo essa carregada de valores e significados que constroem identidades (MANHÃES e NASCIMENTO, sd).

Nesse sentido e como parte de uma linguagem, as manifestações religiosas culturais como a Folia de Reis, por meio das músicas, danças e versos, são elementos simbólicos, integrantes do aspecto coletivo/cultural, bem como com os novos significados que foram e são adquiridos constantemente. É possível, dessa forma, evidenciar o pertencimento a um grupo. O que significa dizer que os corpos carregam signos que podem ser compreendidos pela cultura.

“As convenções da linguagem sempre são, em alguma medida, relativas, pois como um elemento da contínua invenção do mundo a própria linguagem está sempre no processo de ser inventada” (WAGNER, 2010, p.259).

Isso implica que os atores sociais sempre estão num processo de reinvenção de si mesmos e de seus contextos. Wagner (2010) chama esse processo permanente de mudança cultural de “invenção da sociedade”.

Wisnick (1999), diz que a música é fundamental para a interpretação de processos sociais e, também, para a organização do grupo, e ainda, alega que o som é responsável por estabelecer “o elo comunicante do mundo material com o espiritual e invisível”, ou seja, com as simbologias e sentidos da cultura. Ou até

sugerir a utilização dos cantos como um laço mágico, capaz de fazer transcender, o que ocorre em diversas culturas.

Os resultados esperados pelos mestres e tocadores que transmitem estes conhecimentos obtidos de maneiras informais, segundo estes são satisfatórios, vez que jovens e crianças “aprendem” o que foi transmitido para a continuação da devoção musical – a folia de Reis.

A partir das observações, pode-se concluir que o processo de transmissão musical em Cardoso Moreira transforma o pensamento cultural dos participantes da sociedade, vez que alguns destes buscam pertencer suas raízes para manter.

As camadas sociais que fazem parte das Folias pelo Brasil é quase sempre o campestre, fato que ocorre também em Cardoso Moreira, aquele que tira o sustento do campo, povo de pele sofrida, castigada pelo sol, que canta o “caipira” com suas violas e histórias daquele tempo, esse aspecto fortalece o estilo tocado e passado aos aprendizes foliões, influenciando diretamente nos estilos tocados.

As influências rítmicas e melódicas de matrizes indígenas e africanas, formam um ponto forte cultural da comunidade cardosense trazendo identidade ao estilo musical norte fluminense com sua mistura passada e contemporânea.

A cidade de Cardoso Moreira em seu histórico não foi destaque como uma “cidade musicada”, ou seja, não tivemos escolas de música, ou histórico em que instrumentos musicais eram ensinados passando por gerações, mesmo que informalmente, em que pese com os projetos criados no início de 2000 pela prefeitura de Cardoso Moreira, esse ambiente não foi alterado até os dias atuais, mesmo com a chegada das bandas marciais.

A forma de transmissão de conhecimento descrito como ensino informal, é prevaiente na localidade em que pouco se sabe sobre o ensino formal de música, suas gerações ensinam de forma autodidatas aquilo que conseguiu entender/compreender em seus signos, estilos e linguagens, trazendo em seu costume o olhar atento com observação aguardando o momento da execução da

imitação.

O Brasil possui inúmeras manifestações de natureza imaterial, sendo que até março 2018 temos registrados somente 28 bens, como podemos destacar pelo site do IPHAN³³. Assim, podemos observar, que o Estado ainda tem muito o que contribuir para o reconhecimento da cultura nacional.

Entendo que ao observar tais aspectos, a música da Folia de Reis possui um aspecto de justificação, quando se tem um resultado sonoro específico em que somam-se a um aspecto social de respeito aos devotos na condução de interação entre folia e comunidade, não importando a sua habilidade em destaque e, sim, a troca entre o divino e o humano.

Assim, concluo que ainda temos muito o que cultivar e garimpar, para fortalecer cada vez mais a sociedade local, com seus direitos de mostrar-se com sua formação cultural, devendo a estes todo o respeito e carinho. Espero ter contribuído para além do registro inédito aos demais estudos que estão por vir, para que a devoção popular e seus pressupostos históricos e patrimoniais permaneçam fortalecendo a sociedade e ao país.

Referências

ARAÚJO, Maria Paula Nascimento e Myrian Sepúlveda dos Santos. 2007. ***História, memória e esquecimento: implicações políticas***. Revista Crítica de Ciências Sociais.

BÍBLIA. Português. ***Bíblia Sagrada Ave-Maria***, 141.ed. São Paulo: Editora Ave-Maria, 1959, (impressão 2001). 1632p.

BITTER, Daniel. ***A bandeira e a máscara***. A circulação de objetos culturais na Folia de Reis. Rio de Janeiro: 7 Letras; IPHAN/CNFCP, 2010.

³³<http://portal.iphan.gov.br/bcrE/pages/conCategoriaE.jsf>***Patrimônios imateriais registrados até março de 2018***.Fonte: CAPONERO, M.C. (2010, p.57), atualizado pelo site do IPHAN:<<http://www.iphan.gov.br/bcrE/pages/conOrdemE.jsf?ordem=3>. Acesso em 18/03/2018>

BRANDÃO, C.R. **A folia de reis de Mossâmedes: etnografia de um ritual camponês**82 Cad. Cedes, Campinas, vol. 27, n. 71, p. 63-83, jan./abr. 2017 Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>> ritual camponês. *Revista Goiana de Artes*, Goiânia, v. 4, n. 1, p. 1- 58.

BRANDÃO, C.R. *O que é educação*. 25. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.
CANESIN, M.T.; SILVA, T.C. **A folia de reis de Jaraguá**. Goiânia: CECUP/ UFG, 1983. CUNHA, R.R. Encontro de Folias de Reis reúne 13 grupos em Goiânia. *O Popular*, Goiânia, 21 jan. 2002. Caderno Cidades

BRANDÃO, C.R. **Sacerdotes de viola**. Petrópolis: Vozes, 1981.

BURKE, Peter. **A cultura Popular na Idade Moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CARVALHO, Mônica. **Folia de Reis não é folia de rádio**. *Tempo social, Revista de sociologia da USP*, v. 22, n. 2. São Paulo, 2010.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 10 ed. rev. atual. São Paulo: Global, 2001. *Folclore no Brasil*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1967.

CASTRO, Zaide Maciel de. COUTO, Aracy do Prado. **Folias de Reis**. Rio de Janeiro: Funarte, 1961.

CAVALCANTI, Maria Laura de Castro Viveiros. **As grandes festas**. In. *Revista Tempo Brasileiro: Patrimônio Imaterial*.n147. Rio de Janeiro, 1998.

CAVALCANTI, Maria Laura de Castro Viveiros. **Cultura e saber do povo: uma perspectiva antropológica**. In. *Revista Tempo Brasileiro: Patrimônio Imaterial*.n147. Rio de Janeiro, 2001, p.69-78.

COMISSÃO NACIONAL DE FOLCLORE. **Carta do folclore brasileiro**. Salvador: CNF, 1995. Disponível em: <<http://www.museodofolclore.com.br>>. Acesso em: 15 jan. 2018.

CORTELLA, Mario Sergio. **A escola e o conhecimento: fundamentos epistemológicos e políticos**. 7. ed. – São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2003.

FERRARA A., 1998, **Reflective authenticity – rethinking the project of modernity**. London: Routledge.

GABRIEL, Eleonora. **Linguagens Artísticas da Cultura Popular**. In: *Cultura Popular e Educação*. Salto para o Futuro. Brasília: Salto para o Futuro/ TV Escola/

SEED/ MEC,2008.

GARBOSI, Francisco. ***História, mensagens e embaixadas de folia de Reis: quem eram os magos?*** Londrina: Edição do autor, 2002.

GEERTZ, Clifford. ***A Arte como um sistema cultural***. O Saber Local: Novos ensaios em antropologia interpretativa. Petrópolis: Vozes, 1997.

GOLTARA, Diego Bonadian. ***Santos Guerreiros: As Jornadas Encantadas das Folias de Reis do Sul do Espírito Santo***. Música e Cultura, Florianópolis, 2009.

HORTA, Ana Paula Santos. ***Os Reis da Canastra: os sentidos da devoção nas folias***. 2011. 160f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

IKEDA, Alberto; PELEGRINI FILHO, Américo. ***Celebrações populares paulistas: do sagrado ao profano***. In: *Terra Paulista: história, arte, costumes*: São Paulo, Imprensa Oficial, 2004.

IKEDA, Alberto. ***Folias de Reis, Sambas do Povo***. São José dos Campos: CECP, FCCR, 2011. Amúsicanaterrapaulista:daviolacaipiraàguitarraelétrica. In: *Terra Paulista: história, arte, costumes*: São Paulo, Imprensa Oficial, 2004.

JOKILEHTO J., 2006, ***Considerations on authenticity and integrity in World Heritage context***. In: *City & Times*, Vol. 2, N. 1, 2006.

KODAMA, Katia M.R.O. ***Iconografia como processo comunicacional da Folia de Reis: o avatar das culturas subalternas***. 2009. Tese de Doutorado em Ciências da Comunicação na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo,2009.

LÉVI-STRAUSS, Laurent. ***Patrimônio imaterial e diversidade cultural: o novo decreto para a proteção dos bens imateriais***. In: *Revista Tempo Brasileiro*, nº 147, p. 151- 161, out-dez, 2001.

LOWENTHAL D., 1999, ***Authenticity***. In: *Conservation: theGettyConservationInstitute newsletter*, Vol. 14.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. ***Fundamentos da Metodologia Científica***. São Paulo: Atlas, 2009.

MARCONI, Marina de Andrade; PRESOTTO, Zélia Maria Neves. ***Antropologia: uma introdução***. São Paulo: Atlas, 1986.

MENESES, UlpianoBezerra de. **Identidade cultural e arqueologia. Valorização do patrimônioarqueológicobrasileiro.** Bibliografia. In: BOSI, Alfredo. *CulturaBrasileiraTemas e situações*. 4ª edição. São Paulo, EditoraÁtica, 2002.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional.** 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006. *Revista Tempo Brasileiro*, nº 147, out-dez, 2001.

SANT'ANNA, Márcia. **Patrimônio imaterial do conceito ao problema de proteção.** In:SANTOS, I. L. P. (2008). *Os Palhaços das manifestações populares brasileiras: Bumba meu boi, Cavalo Marinho, Folias de Reis e Pastoril Profano.* Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-graduação em Artes, Universidade Paulista (UNESP). São Paulo.

SILVA, Affonso M. Furtado da. **Reis Magos: história, arte, tradições: fontes e referências.**Rio de Janeiro: Leo Christiano Editorial, 2006.

TELLES, Mário Ferreira de Pragmácio. **Tombaram o Decreto-lei 25/37?** In: IV Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, 2007, Salvador-Bahia. IV ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2007.

TORRES, L. B.; CAVALCANTE, R. **“Festas de Santos Reis”.** In: Salto para o Futuro, Boletim 02, abril de 2007. Aprender e Ensinar nas Festas Populares

TREMURA, WelsonAlves. **With an Open Heart: Folia De Reis, a Brazilian Spiritual Journey Through Song.** 2004. 322f. Dissertação (Doctor of Philosophy) - School Of Music, Florida State University Libraries, Florida, 2004.

UNESCO, 1978. **Operational Guidelines for the implementation of the World Heritage Convention.** Paris: World Heritage Centre.

WISNIK, José Miguel. **O som e o sentido.** Uma outra história das músicas. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

WOODWARD, K. (2007). **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual.** In T. T. Silva (Org.), *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais* (7ª ed., pp. 7-72). Petrópolis, RJ: Vozes.

Apêndice

Roteiro de entrevista semiestruturada

Entrevistados: Membros da Folia de Reis Cardosense.

Localidade: Cardoso Moreira- RJ.

Prezado Sr. (a) _____

Este instrumento foi elaborado para coletar dados da Folia de Reis Cardosense, na cidade de Cardoso Moreira, e como uma das finalidades pretende atender ao desenvolvimento de uma dissertação de mestrado do programa de pós-graduação em Cognição e Linguagem, na área de “Pesquisas Interdisciplinares em Ciências Humanas, Artes e Filosofia, da Universidade Estadual Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF.

A referente pesquisa visa analisar, por intermédio da metodologia do estudo de caso, por meio da observação participante, seguida pela pesquisação e da estratégia de pesquisa intitulada Grupo Focal, as relações múltiplas, tais como sociais, culturais e de pertencimento que perpassam pela história e musicalidade da Folia de Reis Cardosense, por meio de seus foliões tocadores e participantes. Garantimos desde já que os entrevistados não serão identificados.

Agradeço pela sua colaboração.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COGNIÇÃO E LINGUAGEM

Roteiro de entrevistas semiestruturada

Entrevistados: Membros das Folias de Reis Cardosense

Local: Cardoso Moreira

Nome: Elenilton Figueira Mesquita

Idade:43 anos

Sexo: Masculino

Entrevista concedida por Elenilton Figueira Mesquita em 24 fevereiro de 2018.

Esta entrevista foi gravada e autorizada pelo entrevistado, e seguirá juntamente com a versão final do trabalho em DVD que será anexado.

1. Qual sua função na folia?

Mestre da folia.

2. Como iniciou na folia?

Comecei na folia do meu avô, vendo isso o tempo todo, tradição familiar, está no sangue.

3. Há quanto tempo?

Comecei com 8 anos de idade.

4. O que fez querer participar da Folia?

A folia era do meu avô, depois que ele faleceu, meu primo pegou a liderança, ficou um tempo, ele faleceu, aí meu pai pegou para seguir com ela, e eu sempre junto dele. Agora hoje, meu pai tem problemas nas pernas, aí não pode estar o tempo todo fazendo as coisas, ele passou para mim a responsabilidade de estar na direção, cantar e tocar. Mas meu pai acompanha ainda, ele tem 85 anos, só não direciona.

5. O que a folia representa na sua vida?

Para mim participar da folia significa muito, cantar os santos Reis, pois sou devoto.

6. Qual sua religião?

Sou católico.

7. A Folia influencia em sua religião ou contrário?

Não influencia em nada, pelo contrário, DEUS através da nossa fé, está presente, e os três reis, ele atende.

8. Você entende a folia como uma festa folclórica com aspecto religioso ou somente aspecto religioso? Por que?

Para mim, folia é religião, portanto, temos respeito, no dia que vamos apresentar, nenhum folião pode beber, nem fumar.

9. Você pretende ao completar o ciclo sair da Folia?

Não pretendo parar não, enquanto DEUS me der saúde, eu e meus três filhos, inclusive, minha filha fala que quem vai continuar a folia será ela. Não pretendo sair da Folia nunca, vou morrer nela.

10. Você considera a Folia um patrimônio da cidade?

Para nós é um patrimônio, mas para a prefeitura, eles não consideram, não levam a sério. Agente considera patrimônio da cidade a eles (prefeitura) que não, porque não ajudam agente, só dão ônibus pra viajar.

11. Estudou ou estuda música?

Nunca estudei música

12. Sabe tocar algum instrumento? Se positivo, como aprendeu?

Sei bater caixa, aprendi vendo a turma tocar e fui fazendo igual.

13. Tem vontade de aprender tocar outro instrumento na Folia ou pretende continuar com o que já sabe?

Não tenho não, já tá bom .

14. A Folia de Reis em Cardoso esta acabando ou crescendo?

Vou ser bem sincero, se não tivermos apoio, está bem difícil, acho que vai acabar, porque temos muito gasto. Saímos com a folia pois gostamos, somos devotos, mais temos muito gastos, muitas despesas, são as vestimentas, instrumentos, calçados, as coroas dos foliões, que eles não têm condições de manter.

15. Quais ajudas vocês recebem para manter a Folia?

Recebemos ajuda quando aparece alguém que gosta da tradição, ou quando buscamos pelo poder público, e particular também, ou alguma entidade que se interessa, como o Clube do tiro, daqui da cidade. Se não tiver um incentivo dos amigos, não tem como continuar. A prefeitura só fornece o transporte.

16. Quanto aos editais, o que pretendem fazer com o dinheiro recebido?

Ah, comprar as coisas que falta, instrumentos, vestimenta, trocar as peles da bateria, essas coisas ...

17. Na sua opinião o que deve ser feito para melhora da Folia e para que não acabe?

Acho que pra acaba agente precisa de apoio, principalmente do poder público, se eles ajudar agente eu acredito que a folia vai durar muito tempo, porque a sociedade gosta da gente.

ENTREVISTA 2

Concedida por Ademir Gonçalves em 24 fevereiro de 2018.

Entrevistados: Membros das Folias de Reis Cardosense

Local: Cardoso Moreira

Nome: Ademir Gonçalves Pereira

Idade: 65 anos

Sexo: Masculino

Esta entrevista foi gravada e autorizada pelo entrevistado, e seguirá juntamente com a versão final do trabalho em DVD que será anexado.

1. Qual sua função na folia?

Toco a sanfona.

2. Como iniciou na folia?

La onde eu moro sempre teve folia, meu pai tocava em folias, meus tios também, minha mãe ia junto. Eu e meus irmãos vivia no meio de folia, ai passei a tocar também.

3. Há quanto tempo?

Não me lembro certinho não, mas faz muito tempo.

4. O que fez querer participar da Folia?

Minha família toda gostava de folia, não tem como eu não gostar, de não participar, fazia e faz parte da minha vida.

5. O que a folia representa na sua vida?

Minha vida.

6. Qual sua religião?

Católico.

7. A Folia influência em sua religião ou contrário?

Não influência em nada.

8. Você entende a folia como uma festa folclórica com aspecto religioso ou somente aspecto religioso? Por que?

Tenho muito respeito pela folia, pelos cantos que nós cantamos, pra mim é folclórico e religioso.

9. Você pretende ao completar o ciclo sair da Folia?

De jeito nenhum pretendo sair da folia, como disse faz parte da minha vida.

10. Você considera a Folia um patrimônio da cidade?

Acho sim que é um patrimônio, e que deveria ser mais valorizado.

11. Estudou ou estuda música?

Nunca estudei música.

12. Sabe tocar algum instrumento? Se positivo, como aprendeu?

Aprendi com meu tio, quando eu era jovem.

13. Tem vontade de aprender tocar outro instrumento na Folia ou pretende continuar com o que já sabe?

Gosto de tocar sanfona, e não perdendo trocar.

14. A Folia de Reis em Cardoso esta acabando ou crescendo?

Está acabando.

15. Quais ajudas vocês recebem para manter a Folia?

Da prefeitura, quando pedimos.

16. Quanto aos editais, o que pretendem fazer com o dinheiro recebido?

Ajeitar nossas coisas, que estão velhas.

17. Na sua opinião o que deve ser feito para melhora da Folia e para que não acabe?

Mais parceria, com o poder público, e que colocassem mais valor na nossa folia.

ENTREVISTA 3

Concedida por Aparecido Florido Mendes em 24 fevereiro de 2018.

Entrevistados: Membros das Folias de Reis Cardosense

Local: Cardoso Moreira

Nome: Aparecido Florido Mendes

Idade: 58 anos

Sexo: Masculino

Esta entrevista foi gravada e autorizada pelo entrevistado, e seguirá juntamente com a versão final do trabalho em DVD que será anexado.

1. Qual sua função na folia?

Contra-mestre

2.. Como iniciou na folia?

Desde criança já toco em folia, no terreiro da minha casa , meu pai recebia folia, e dava gente de todo lugar para assistir.

2. Há quanto tempo?

Desde criança.

4. O que fez querer participar da Folia?

Para mim, quando tinha folia, era o dia mais feliz da minha vida, a alegria, os versos, o palhaço, tudo era lindo, isso que me fez ter vontade de seguir.

5. O que a folia representa na sua vida?

Alegria.

6. Qual sua religião?

Não tenho religião, não sou de ir na igreja.

7. A Folia influencia em sua religião ou contrário?

Não tenho religião.

8. Você entende a folia como uma festa folclórica com aspecto religioso ou somente aspecto religioso? Por que?

É uma festa folclórica, que trás alegria onde passa.

9. Você pretende ao completar o ciclo sair da Folia?

Não pretendo parar não, gosto muito, de sair, de cantar junto dos meus companheiros, por que , “ quando da os intervalos, a gente fica tocando e cantando, lembrando as músicas antigas, dos tempos que não voltam mais”.

10. Você considera a Folia um patrimônio da cidade?

Acho que não é patrimônio não.

11. Estudou ou estuda música?

Não estudei música.

12. Sabe tocar algum instrumento? Se positivo, como aprendeu?

Não sei tocar nenhum instrumento.

13. Tem vontade de aprender tocar outro instrumento na Folia ou pretende continuar com o que já sabe?

Queria até aprender, mas gosta de falar os versos, acho que não ia gostar de fazer outra coisa não.

14. A Folia de Reis em Cardoso está acabando ou crescendo?

A tradição está se perdendo, os que gostavam mesmo, ficaram velhos e faleceram, ou não podem mais acompanhar, e os mais novos não querem participar. São poucos os que gostam.

15. Quais ajudas vocês recebem para manter a Folia?

Da prefeitura.

16. Quanto aos editais, o que pretendem fazer com o dinheiro recebido?

Se chegar, acabar de ajeitar nosso ponto de encontro, fazer roupas novas, comprar instrumentos, vai ser muito bom.

17. Na sua opinião o que deve ser feito para melhora da Folia e para que não acabe?

Para melhorar, mais valor a folia, mais ajuda, para que ela não se acabe.

ENTREVISTA 4

Concedida por Vicente Matias Santos em 24 fevereiro de 2018.

Entrevistados: Membros das Folias de Reis Cardosense

Local: Cardoso Moreira

Nome: Vicente Matias Santos

Idade: 38 anos

Sexo: Masculino

Esta entrevista foi gravada e autorizada pelo entrevistado, e seguirá juntamente com a versão final do trabalho em DVD que será anexado.

1. Qual sua função na folia?

Pandeirista

2. Como iniciou na folia?

Acompanhando a folia, indo para outros lugares, me chamaram, e estou até hoje.

3. Há quanto tempo?

Que eu participo, não tem muito tempo não.

4. O que fez querer participar da Folia?

Fui passando a gostar, e agora não sei ficar sem participar.

5. O que a folia representa na sua vida?

Companheirismo, gosto de estar com meus amigos da folia.

6. Qual sua religião?

Não sou de ir a igreja, vou raramente.

7. A Folia influencia em sua religião ou contrário?

Pra mim, não influencia nenhuma.

8. Você entende a folia como uma festa folclórica com aspecto religioso ou somente aspecto religioso? Por que?

Acho que é uma festa folclórica, animada, cheia de mistério, já ouvi os antigos falar muita coisa de folia.

9. Você pretende ao completar o ciclo sair da Folia?

Vou ver se fico sim, estou gostando bastante, e acho que não consigo ficar mas sem.

10. Você considera a Folia um patrimônio da cidade?

Sim considero parte da cidade, mas muitos não gostam.

11. Estudou ou estuda música?

Já, mas só iniciei e parei, por falta de professor.

12. Sabe tocar algum instrumento? Se positivo, como aprendeu?

Sei tocar triângulo.

13. Tem vontade de aprender tocar outro instrumento na Folia ou pretende continuar com o que já sabe?

Se eu tiver oportunidade, sanfona, também gosto muito.

14. A Folia de Reis em Cardoso está acabando ou crescendo?

Na minha opinião, está acabando, eu chamo meus amigos pra ir, incentivar, pra aumentar os foliões,

15. Quais ajudas vocês recebem para manter a Folia?

Não sei se recebemos ajuda.

16. Quanto aos editais, o que pretendem fazer com o dinheiro recebido?

Não sei ainda.

17. Na sua opinião o que deve ser feito para melhora da Folia e para que não acabe?

Talvez se entrasse mais pessoas, melhorava.

ENTREVISTA 5

Concedida por Flávio Monteiro Pessanha em 24 fevereiro de 2018.

Entrevistados: Membros das Folias de Reis Cardosense

Local: Cardoso Moreira

Nome: Flávio Monteiro Pessanha

Idade: 36 anos

Sexo: Masculino

Esta entrevista foi gravada e autorizada pelo entrevistado, e seguirá juntamente com a versão final do trabalho em DVD que será anexado.

1. Qual sua função na folia?

Seguro a bandeira.

2. Como iniciou na folia?

Sempre gostei de ir ver, um dia me chamaram pra participar da folia, sair pra tocar com eles, aceitei.

3. Há quanto tempo?

Seis anos mais ou menos

4. O que fez querer participar da Folia?

Eu acho bem interessante, a história, as músicas, o respeito que as pessoas têm pela folia, por isso gosto de estar no meio.

5. O que a folia representa na sua vida?

Eu acho bem interessante, a história, as músicas, o respeito que as pessoas tem pela folia, por isso gosto de estar no meio.

6. Qual sua religião?

Eu acho bem interessante, a história, as músicas, o respeito que as pessoas tem pela folia, por isso gosto de estar no meio.

7. A Folia influência em sua religião ou contrário?

Não.

8. Você entende a folia como uma festa folclórica com aspecto religioso ou somente aspecto religioso? Por que?

Somente religioso, tenho muito respeito por minha igreja e pela minha folia também.

9. Você pretende ao completar o ciclo sair da Folia?

Não, pretendo continuar na folia, se DEUS me permitir, quero ficar a vida toda.

10. Você considera a Folia um patrimônio da cidade?

Acho que não, é um bem próprio nosso, de cada um de nós foliões.

11. Estudou ou estuda música?

Nunca estudei música.

12. Sabe tocar algum instrumento? Se positivo, como aprendeu?

Não sei tocar nenhum instrumento

13. Tem vontade de aprender tocar outro instrumento na Folia ou pretende continuar com o que já sabe?

Quero continuar segurando a bandeira, acho muito emocionante e importante.

14. A Folia de Reis em Cardoso está acabando ou crescendo?

Sinto que sim, a poucas pessoas interessadas em participar, não temos incentivo nenhum.

15. Quais ajudas vocês recebem para manter a Folia?

Não sou daqui de Cardoso, saio de outro município para participar na folia daqui mas acho que não recebemos pouca ajuda financeira para nos manter, a gente se vira, a prefeitura da ônibus quando precisamos sair.

16. Quanto aos editais, o que pretendem fazer com o dinheiro recebido?

Fiquei sabendo desse dinheiro, vai ajudar bastante na manutenção da folia

17. Na sua opinião o que deve ser feito para melhora da Folia e para que não acabe?

Mas incentivo por quanta dos políticos, para que os foliões não desistam da folia, para que a cultura não se acabe.

ENTREVISTA 6

Concedida por Daniel Almeida Batista em 24 fevereiro de 2018.

Entrevistados: Membros das Foliias de Reis Cardosense

Local: Cardoso Moreira

Nome: Daniel Almeida Batista

Idade: 45 anos

Sexo: Masculino

Esta entrevista foi gravada e autorizada pelo entrevistado, e seguirá juntamente com a versão final do trabalho em DVD que será anexado.

1. Qual sua função na folia?

Toco Chocalho.

2. Como iniciou na folia?

Entrei porque meu companheiro me chamou, mas eu já ia assistir.

3. Há quanto tempo?

Que eu voltei a participar tem uns cinco anos, mais ou menos.

4. O que fez querer participar da Folia?

Eu já gostava, onde tinha eu ia ver, na minha infância, eu ia com meus pais, depois parei, por causa da rotina de vida, trabalho, família. Mas quando esse amigo chamou despertou a vontade novamente.

5. O que a folia representa na sua vida?

Folia é tradição né, que nunca deveria acabar, tomara que não acabe.

6. Qual sua religião?

Católico, mas não vou a igreja.

7. A Folia influência em sua religião ou contrário?

Não.

8. Você entende a folia como uma festa folclórica com aspecto religioso ou somente aspecto religioso? Por que?

Acho que é uma festa folclórica, tradicionalista, só pra quem gosta, como eu que acompanha, tem gente que tem até medo, acha que é coisa ruim, do outro mundo, tem que gostar realmente.

9. Você pretende ao completar o ciclo sair da Folia?

Por enquanto não perdendo sair não.

10. Você considera a Folia um patrimônio da cidade?

É um patrimônio sim, que bom que aqui ainda existe.

11. Estudou ou estuda música?

Não, para tocar chocalho não precisa de aula não, basta entrar no ritmo.

12. Sabe tocar algum instrumento? Se positivo, como aprendeu?

Não sei.

13. Tem vontade de aprender tocar outro instrumento na Folia ou pretende continuar com o que já sabe?

Quem sabe mas para frente, vou continuar no chocalho mesmo, tudo para mim serve, eu gosto é da brincadeira.

14. A Folia de Reis em Cardoso está acabando ou crescendo?

Creio que sim, mas nós é que damos vida a folia, enquanto a gente estiver aqui, a folia continua.

15. Quais ajudas vocês recebem para manter a Folia?

Ajuda quase nenhuma, a gente mesmo junta e faz as coisas que precisa.

16. Quanto aos editais, o que pretendem fazer com o dinheiro recebido?

Vai ser muito bem vindo esse dinheiro, não existe pessoas que chegam pra ajudar.

17. Na sua opinião o que deve ser feito para melhora da Folia e para que não acabe?

Quem gosta, deve incentivar o outro para não parar de participar.

ENTREVISTA 7

Concedida por Ernesto Machado Fontes em 24 fevereiro de 2018.

Entrevistados: Membros das Folias de Reis Cardosense

Local: Cardoso Moreira

Nome: Ernesto Machado Fontes

Idade: 63 anos

Sexo: Masculino

Esta entrevista foi gravada e autorizada pelo entrevistado, e seguirá juntamente com a versão final do trabalho em DVD que será anexado.

1. Qual sua função na folia?

Palhaço.

2. Como iniciou na folia?

Minha geração participou de folia, vivi no meio de pessoas que saiam e que gostavam de folias.

3. Há quanto tempo?

Minha geração participou de folia, vivi no meio de pessoas que saíam e que gostavam de folias.

4. O que fez querer participar da Folia?

Antigamente, folia era uma festa, quando falava que ia ter uma folia, podia contar que ia dar muita gente. Sempre participava desde pequeno, e gostava de ficar inventando versos com meus irmãos, eu era bom nisso, e só fui aprendendo.

5. O que a folia representa na sua vida?

Tradição, que respeito e gosto muito.

6. Qual sua religião?

Não frequento nenhuma igreja.

7. A Folia influencia em sua religião ou contrário?

No meu modo de pensar, DEUS é bom, mas acho que quem brinca de palhaço em folia, não conseguiu seguir uma religião, essa brincadeira, tem muitos mistérios por trás.

8. Você entende a folia como uma festa folclórica com aspecto religioso ou somente aspecto religioso? Por que?

Acho que é mais folclórica do que religiosa.

9. Você pretende ao completar o ciclo sair da Folia?

Pretendo ficar até vida e saúde eu tiver.

10. Você considera a Folia um patrimônio da cidade?

Não entendo muito não, mas acho que sim.

11. Estudou ou estuda música?

Não, nunca estudei não, nem estudo eu tenho direito.

12. Sabe tocar algum instrumento? Se positivo, como aprendeu?

Toco violão, triângulo, o que precisar.

13. Tem vontade de aprender tocar outro instrumento na Folia ou pretende continuar com o que já sabe?

Prefiro ficar como palhaço, já estou acostumado, e gosto falar meus versos.

14. A Folia de Reis em Cardoso está acabando ou crescendo?

Por falta de apoio está acabando, mas agente segura as pontas.

15. Quais ajudas vocês recebem para manter a Folia?

A prefeitura ajuda as vezes.

16. Quanto aos editais, o que pretendem fazer com o dinheiro recebido?

Comprar instrumentos, roupas novas, sapatos.

17. Na sua opinião o que deve ser feito para melhora da Folia e para que não acabe?

Se todos chegassem juntos, colaborassem, seria bem melhor, mas tem gente que não se importa, não gosta, acha que é coisa do mal, não se interessa pela cultura, pela tradição.

ENTREVISTA 8

Concedida por Amaro Freitas em 24 fevereiro de 2018.

Entrevistados: Membros das Folias de Reis Cardosense

Local: Cardoso Moreira

Nome: Amaro Freitas

Idade: 50 anos

Sexo: Masculino

Esta entrevista foi gravada e autorizada pelo entrevistado, e seguirá juntamente com a versão final do trabalho em DVD que será anexado.

1. Qual sua função na folia?

Toco pandeiro, e canto também.

2. Como iniciou na folia?

Entrei por que meu amigo me chamou, porque estava faltando uma pessoa, ai entrei para substituir um conhecido. Mas entrei, mas pela curiosidade.

3. Há quanto tempo?

Onze anos.

4. O que fez querer participar da Folia?

Depois que entrei, fui pegando gosto e já estou esse tempo todo na folia.

5. O que a folia representa na sua vida?

Além de ser um entretenimento, eu sou apaixonado por folia, me arrumar, sair para tocar.

6. Qual sua religião?

Vou quando eu quero na igreja, com minha esposa, mas não sigo religião.

7. A Folia influencia em sua religião ou contrário?

Não.

8. Você entende a folia como uma festa folclórica com aspecto religioso ou somente aspecto religioso? Por que?

Tem muito mais de religião, para quem tem fé e acredita.

9. Você pretende ao completar o ciclo sair da Folia?

Só paro de tocar na folia quando eu não aguentar mais, ou não puder ir.

10. Você considera a Folia um patrimônio da cidade?

A folia é da cidade, mas a folia é para quem acompanha e gosta, ela é nossa.

11. Estudou ou estuda música?

Nunca estudei música.

12. Sabe tocar algum instrumento? Se positivo, como aprendeu?

Toco pandeiro, e as vezes caixa, quando precisa. O mestre de folia que me orientou, foi fazendo a batida, e fui embora no ritmo.

13. Tem vontade de aprender tocar outro instrumento na Folia ou pretende continuar com o que já sabe?

Eu até entrei na aula de violão, num projeto de prefeitura, levava jeito, mas não continuei.

14. A Folia de Reis em Cardoso está acabando ou crescendo?

Antigamente era bem diferente, tudo mais animado, a tradição está se perdendo.

15. Quais ajudas vocês recebem para manter a Folia?

Quase nenhuma, nós que juntamos o pouco que temos, e compramos o que precisa, porque nós gostamos.

16. Quanto aos editais, o que pretendem fazer com o dinheiro recebido?

Ajuda é sempre bem-vinda, temos muitas coisas para fazer com essa verba que vai chegar, porque sem recursos, é muito complicado. Só não desistimos por que gostamos muito.

17. Na sua opinião o que deve ser feito para melhora da Folia e para que não acabe?

Tínhamos que ter uma verba, que nos ajudasse.

ENTREVISTA 9

Concedida por Laerte Cabral em 24 fevereiro de 2018.

Entrevistados: Membros das Folias de Reis Cardosense

Local: Cardoso Moreira

Nome: Laerte Cabral

Idade: 58 anos

Sexo: Masculino

Esta entrevista foi gravada e autorizada pelo entrevistado, e seguirá juntamente com a versão final do trabalho em DVD que será anexado.

1. Qual sua função na folia?

Toco violão e canto.

2. Como iniciou na folia?

Na época eu tinha um barzinho em frente de casa, e um certo senhor mudou-se para a casa ao lado, ficamos conversando, e ele me disse que tocava numa folia de reis, . Daí eu falei que gostaria de começar a cantar reis e foi na conversa de um amigo que eu fui embora e até hoje estou tocando.

3. Há quanto tempo?

13 a 14 anos, mais ou menos.

4. O que fez querer participar da Folia?

Como falei, em uma conversa sobre folia de reis, entrei e não sai mais.

5. O que a folia representa na sua vida?

Folia para mim, representa uma parte importante da minha vida.

6. Qual sua religião?

Católico.

7. A Folia influência em sua religião ou contrário?

Não, pelo contrário, aumenta minha devoção

8. Você entende a folia como uma festa folclórica com aspecto religioso ou somente aspecto religioso? Por que?

É um festa de folclore , que envolve religião.

9. Você pretende ao completar o ciclo sair da Folia?

Sim, folia faz parte da minha vida.

10. Você considera a Folia um patrimônio da cidade?

Sim considero.

11. Estudou ou estuda música?

Não estudei música.

12. Sabe tocar algum instrumento? Se positivo, como aprendeu?

Sim o violão, tenho dois amigos da folia que me deram umas aulinhas, daí fui pegando. Aprendi vendo os outros, na curiosidade, olhando as revistas, fui decorando as posições das notas, e fui aprendendo.

13. Tem vontade de aprender tocar outro instrumento na Folia ou pretende continuar com o que já sabe?

Eu gosto de violão, tenho vontade de aprender a tocar.

14. A Folia de Reis em Cardoso está acabando ou crescendo?

Penso que sim, poucas pessoas se interessa de verdade.

15. Quais ajudas vocês recebem para manter a Folia?

Na maioria das vezes nós mesmos fazemos as coisas que precisa fazer. A prefeitura ajuda, mas pouco.

16. Quanto aos editais, o que pretendem fazer com o dinheiro recebido?

Vamos comprar o que estiver precisando na folia.

17. Na sua opinião o que deve ser feito para melhora da Folia e para que não acabe?

É uma pena acabar, precisamos de mais união, para não deixar acabar, é muito linda essa tradição.

ENTREVISTA 10

Concedida por José Luíz Santos em 24 fevereiro de 2018.

Entrevistados: Membros das Folias de Reis Cardosense

Local: Cardoso Moreira

Nome: José Luíz Santos

Idade: 70 anos

Sexo: Masculino

Esta entrevista foi gravada e autorizada pelo entrevistado, e seguirá juntamente com a versão final do trabalho em DVD que será anexado.

1. Qual sua função na folia?

Toco chocalho.

2. Como iniciou na folia?

Meus familiares gostavam de folia, nasci no meio da folia, foi assim que entrei na folia de reis.

3. Há quanto tempo?

Quase cinquenta anos.

4. O que fez querer participar da Folia?

A influência da minha família.

5. O que a folia representa na sua vida?

Minha vida, não saio mas para lugar nenhum, só quando tenho que sair com a folia, é minha alegria, é meu laser.

6. Qual sua religião?

Não vou a igreja.

7. A Folia influencia em sua religião ou contrário?

Não.

8. Você entende a folia como uma festa folclórica com aspecto religioso ou somente aspecto religioso? Por que?

Acho que é só religioso. Tenho muito respeito pelos cantos, pelos versos, pelas falas, que são ditas durante a apresentação da folia.

9. Você pretende ao completar o ciclo sair da Folia?

Enquanto saúde eu tiver, estarei participando.

10. Você considera a Folia um patrimônio da cidade?

Sim considero.

11. Estudou ou estuda música?

Nunca estudei música na minha vida.

12. Sabe tocar algum instrumento? Se positivo, como aprendeu?

Já toquei pandeiro, caixa, e agora chocalho, e canto nas apresentações. Aprendi com os meus companheiros de folia.

13. Tem vontade de aprender tocar outro instrumento na Folia ou pretende continuar com o que já sabe?

Tenho vontade de aprender violão, já tentei algumas vezes, mas não fui em frente.

14. A Folia de Reis em Cardoso está acabando ou crescendo?

Se a gente parar morre, não podemos parar, temos que continuar essa cultura, mas sinto que desanimou muito, as pessoas não têm gosto, como tinham antigamente, não dão importância para a tradição da folia.

15. Quais ajudas vocês recebem para manter a Folia?

Do prefeito, que doa ônibus, para viajarmos para fora, quando tem eventos fornece lanches, ou comida, mas a ajuda é muito pouca, para manter a folia, a gente passa por muita falta das coisas.

16. Quanto aos editais, o que pretendem fazer com o dinheiro recebido?

Vai ajudar bastante, ajuda assim é sempre recebida bem, coisas para fazer não falta, nossa folia não tem muitas condições.

17. Na sua opinião o que deve ser feito para melhora da Folia e para que não acabe?

Que valorizem mais nossa folia, precisamos de pessoas que vão pelos menos nos prestigiar, quando estivermos apresentando.

ENTREVISTA 11

Concedida por Marcos Antônio Martins em 24 fevereiro de 2018.

Entrevistados: Membros das Folias de Reis Cardosense

Local: Cardoso Moreira

Nome: Marcos Antônio Martins

Idade: 46 anos

Sexo: Masculino

Esta entrevista foi gravada e autorizada pelo entrevistado, e seguirá juntamente com a versão final do trabalho em DVD que será anexado.

1. Qual sua função na folia?

Eu sou tocador de caixa.

2. Como iniciou na folia?

Cresci vendo e ouvindo meu avô indo tocar em folias. Quando eu era pequeno, não podia ir, só quando era na localidade, mas quando cresci um pouco, ia pra todo canto com ele, fui tomando gosto, e passei a me interessar.

3. Há quanto tempo?

Que eu saio pra tocar como integrante da folia, uns trinta e pouco anos.

4. O que fez querer participar da Folia?

Foi o que eu disse, segui uma paixão do meu avó, ele foi meu maior incentivo.

5. O que a folia representa na sua vida?

Representa uma paixão, quando estou tocando esqueço de tudo.

6. Qual sua religião?

Eu amo o meu DEUS, mas não vou em igreja não.

7. A Folia influência em sua religião ou contrário?

Como disse não tenho religião, não sei responder.

8. Você entende a folia como uma festa folclórica com aspecto religioso ou somente aspecto religioso? Por que?

A folia pra mim, é uma cultura, não é religião.

9. Você pretende ao completar o ciclo sair da Folia?

Enquanto eu tiver saúde, vou acompanhar a folia, só paro quando eu não puder mais sair de casa, por velhice.

10. Você considera a Folia um patrimônio da cidade?

O que é patrimônio? Não sei o que é, não tenho muito estudo.

11. Estudou ou estuda música?

Nunca estudei música não, aprendi na vida”.

12. Sabe tocar algum instrumento? Se positivo, como aprendeu?

No momento só a caixa. Aprendi com o meu falecido avô.

13. Tem vontade de aprender tocar outro instrumento na Folia ou pretende continuar com o que já sabe?

No momento não, vou seguir o que meu avô me ensinou,

14. A Folia de Reis em Cardoso está acabando ou crescendo?

Já foi muito animada, mas hoje, as coisas estão muito mudadas, ninguém mais se interessa.

15. Quais ajudas vocês recebem para manter a Folia?

Recebemos poucas ajuda.

16. Quanto aos editais, o que pretendem fazer com o dinheiro recebido?

Fiquei muito feliz com essa ajuda, e sempre bom saber que tem gente querendo ajudar. Vamos fazer um monte de coisas, fazer outra roupa, que tem muito tempo que saímos pra tocar com a mesma.

17. Na sua opinião o que deve ser feito para melhora da Folia e para que não acabe?

Precisamos de mais ajuda, dos nossos representantes na política, porque assim, anima todos nós foliões, e toda nossa folia. Na minha opinião, a folia deveria receber uma verba certa, porque assim, não ia faltar as coisas para nossa folia.

ANEXOS

Nº 227, terça-feira, 28 de novembro de 2017

Diário Oficial da União - Seção 1

ISSN 1677-7042

11



PORTARIA Nº 15, DE 27 DE NOVEMBRO DE 2017

Dispõe sobre a Homologação do Resultado Final do Edital de Seleção Pública n.º 1, de 26 de maio de 2017, Culturas Populares. Edição Leandro Gomes de Barros.

A Secretária da Cidadania e da Diversidade Cultural do Ministério da Cultura, no uso de suas atribuições legais que lhes são conferidas pelo Art. 13 do Decreto nº 8.837, de 17 de agosto de 2016, resolve:

Art. 1º Homologar o resultado final do Edital de Seleção Pública n.º 1, de 26 de maio de 2017, Culturas Populares Edição Leandro Gomes de Barros, publicado no Diário Oficial da União de 29 de maio de 2017, Seção 3, páginas 19 a 21, em conformidade com o item 12.1.

Art. 2º Em conformidade com o item 11.11.5 não caberá qualquer recurso ao resultado desta fase.

Art. 3º Divulgar a relação das iniciativas premiadas nas categorias estabelecidas no item 5.2 do Edital.

Art. 4º Divulgar, com base no item 5.2.1, os candidatos premiados na cota de 10% dos prêmios para iniciativas cujos produtos e serviços tenham sido direcionados a pessoas com deficiência.

Art. 5º Divulgar a relação das iniciativas classificadas em ordem decrescente de pontuação.

Art. 6º Os candidatos premiados têm o prazo de 60 (sessenta) dias corridos contados a partir data de publicação do resultado final no DOU, para enviar a documentação complementar abaixo descrita, podendo optar pelo envio postal, para o endereço citado no item 8.6.4, ou para o endereço eletrônico (e-mail) coedi@cultura.gov.br, em atendimento ao item 13.1, retificado pelo Edital nº 05, de 27 de novembro de 2017.

Para Mestres e Mestras (pessoas físicas):

- a. Cópia simples da Carteira de Identidade (RG) e do CPF; e
- b. Documento indicando agência, conta e banco para depósito do prêmio.

Para Grupos/Comunidades:

- a. Cópia simples da Carteira de Identidade (RG) e do CPF do representante indicado pelo Grupo/Comunidade;
- b. Documento indicando agência, conta e banco para depósito do prêmio do(a) representante indicado(a), conforme Anexo 3; e
- c. Cópia simples da Carteira de Identidade (RG) e CPF de todos os membros do Grupo/Comunidade que assinaram o Anexo 3 no momento da inscrição.

Para pessoas jurídicas:

- a. Comprovante de inscrição e situação cadastral no CNPJ;
- b. Cópia simples da Carteira de Identidade (RG) e do CPF do(a) representante da instituição;
- c. Certificado de Regularidade do FGTS; e
- d. Documento indicando agência, conta e banco da Instituição para depósito do prêmio.

Para Herdeiros de Mestres e Mestras In Memoriam:

- a. Cópia simples da Carteira de Identidade (RG) e do CPF do(a) herdeiro(a); e
- b. Documento indicando agência, conta e banco para depósito do prêmio do(a) herdeiro(a) indicado(a) no Anexo 5.

Art. 7º A candidatura selecionada e convocada que não atender ao ato convocatório, na forma do item 13.1, será automaticamente colocada no final da lista de classificação, devendo a SCDC/MinC convocar, sucessivamente, o candidato melhor classificado na etapa de Seleção, após aplicados os critérios de desempate constantes nos itens 11.8 e 11.9, até completar-se o número total de prêmios disponíveis.

I PESSOAS JURÍDICAS PREMIADAS COTA ACESSIBILIDADE CULTURAL:

Nº	Instituição	CNPJ	Cidade	UF	Nota Final	Situação Final
1	Associação Juliano Varela	86.835.535/0001-06	Campo Grande	MS	98,5	PREMIADO
2	Instituto Brinquedim de Inclusão Social	09.596.714/0001-89	Pindoterrama	CE	90,5	PREMIADO
3	Centro de Tradições Gaúchas CTG Relembro os Pagos	15.072.200/0001-27	Juina	MT	89	PREMIADO
4	Associação de Amigos do Cais - Núcleo de Atenção Psicossocial do Instituto Philippe Pinel - AMOCAIS	02.687.500/0001-79	Rio de Janeiro	RJ	85,5	PREMIADO
5	Associação Cultural Baile Dourado	23.275.840/0001-62	Natal	RN	84,5	PREMIADO
6	Ritmos do Coração	11.433.432/0001-02	São Paulo	SP	78	PREMIADO
7	Núcleo de Estudos de Cultura Popular - NECUP	19.221.018/0001-41	Belo Horizonte	MG	77	PREMIADO
8	Associação Cultural Esportiva Recreativa Beatos do Espírito Santo - ACERBES	13.105.391/0001-50	Vila Velha	ES	76,5	PREMIADO

II GRUPO/COMUNIDADES PREMIADOS COTA ACESSIBILIDADE CULTURAL:

VIII GRUPO/COMUNIDADES CLASSIFICADOS:

Nº	Nome do Coletivo Cultural (Grupo)	Representante do Coletivo Cultural (Grupo)	CPF	Cidade	UF	Nota Final	Situação Final-Suplentes
189	OSCAIPORA	Denison D Johnson Alves da Silva	029.215.743-65	Teresina	PI	89,5	CLASSIFICADO
190	Companhia de Dança e Cultura Popular Macambiraís	Daris Firmino do Nascimento Junior	069.557.584-89	Passa e Fica	RN	89,5	CLASSIFICADO
191	Quadrilha Junina Chiclete com Banana	Gervásio Bezerra Monteiro Filho	616.548.844-72	Jabotão dos Guararapes	PE	89,5	CLASSIFICADO
192	Grupo de Reizado de Lagoinha	Manoel Bernardo	230.364.945-53	São Gabriel	BA	89,5	CLASSIFICADO
193	Grupo Raízes da Piedade	Jocelino da Conceição Silva Junior	124.958.387-07	Vitória	ES	89,5	CLASSIFICADO
194	Grupo de Folia de Viétras e Região	Claudio Ferreira Luiz	988.380.196-15	Viétras	MG	89,5	CLASSIFICADO
195	Conjunto de Carimbê "Tambores do Pascoal"	Alton Silva Favaço	675.221.652-53	Soure	PA	89	CLASSIFICADO
196	Grupo Junino Pavão	Dinamar Santos da Silva	963.107.402-10	Belém	PA	89	CLASSIFICADO
197	Núcleo Masa Irati	Eva Borszowski	956.875.729-53	Irati	PR	89	CLASSIFICADO
198	Cia. de Teatro UNISUL	Iza Bittencourt Laporta	064.246.009-49	Tubarão	SC	89	CLASSIFICADO
199	Grupo Junino Raio de Luz	José Vánuo de Freitas	774.741.473-00	Limociro do Norte	CE	89	CLASSIFICADO
200	Grupo de Jongo Mistura da Raça	Márcia dos Santos Cunha	035.917.067-60	São José dos Campos	SP	89	CLASSIFICADO
201	Coco de Roda Raridades	Robert dos Santos Batista	053.381.994-85	Mació	AL	89	CLASSIFICADO
202	Grupo cultural drama gravatá	Gisaldo Eufássimo do Nascimento	230.126.924-87	Nísia Floresta	RN	89	CLASSIFICADO
203	Bincantes da Pedra Branca	Daniela Crepin Villalta	140.522.948-90	Rio de Janeiro	RJ	89	CLASSIFICADO
204	Movimento dos Pescadores Artesanais do Litoral do Paraná-MOPEAR	Adná Chagas das Dorés	721.151.069-20	Guaraqueçaba	PR	88,5	CLASSIFICADO
205	Maracatu Cambinda Africano	Ana Claudia Santos Melo	077.784.244-01	Recife	PE	88,5	CLASSIFICADO
206	Caipiras da Cuesta Canto e Viola	Anderson Pires	141.841.358-54	Pardinho	SP	88,5	CLASSIFICADO
207	Imandade do Boi Rosado	Jocacy Severino da Silva	405.563.364-53	Contagem	MG	88,5	CLASSIFICADO
208	Cranda de Carrusel	Marcilete Alves dos Santos	062.284.793-03	São Luis	MA	88,5	CLASSIFICADO
209	Casa da Cultura - Góes Arigás	Taisa Lewitzki	062.242.399-16	Inácio Martins	PR	88,5	CLASSIFICADO
210	Grupo Folclórico Dança de São Gonçalo do Amarante	Neilton Santana dos Santos	044.844.335-08	Laranjeiras	SE	88,5	CLASSIFICADO
211	Movimento de dança Wanderson José	Wanderson José da Silva	040.341.374-52	Gravatá	PE	88,5	CLASSIFICADO
212	Grupo Cultural Canários do Munim	João Batista Gomes Junior	282.151.413-15	Axixá	MA	88	CLASSIFICADO
213	Grupo de Terno de Reis Estrela do Oriente do Morrinhos	Márcia Cristina Ferreira	704.012.419-04	Bombinhas	SC	88	CLASSIFICADO
214	Companhia Bando- Grupo de Pesquisa das Manifestações Populares	Maria da Conceição da Luz	920.920.477-87	Rio de Janeiro	RJ	88	CLASSIFICADO
215	Quilombo de Saloz	Mônica Maria Silva	903.324.994-91	Limociro de Anadia	AL	88	CLASSIFICADO
216	Arraial do Sem Nome	Pollyanna Cristina da Silva Lourenço de Jesus	087.622.626-88	Belo Horizonte	MG	88	CLASSIFICADO
217	Coletivo Mulheres de Ori	Priscila Aparecida Novas	318.759.248-17	São Paulo	SP	88	CLASSIFICADO
218	Boi de Reis Sete Estrelas	Rita de Cássia Machado Amaral	058.774.764-16	São José do Campestre	RN	88	CLASSIFICADO
219	Filhos da Terra	Adelice Peixoto dos Santos	906.453.595-72	Santo Antônio de Jesus	BA	87,5	CLASSIFICADO
220	Folia de Reis Mirim do Morro da Formiga	André Leonardo Silva de Carvalho	011.837.667-50	Rio de Janeiro	RJ	87,5	CLASSIFICADO
221	Projeto Sociocultural Tambores de Angola	Marcelo Ragner Guerra da Silva	070.293.334-29	Olinda	PE	87,5	CLASSIFICADO
222	Guereiros de Tata Jurema	Marlon da Silva Trindade	363.634.928-30	São Paulo	SP	87,5	CLASSIFICADO
223	Folia de reis de todos os santos	Valdir Ribeiro Garcia	133.124.828-01	Osasco	SP	87,5	CLASSIFICADO
224	Grupo Folclórico Boi da Cara Preta	Angela Bergmann Alves de Jesus	003.674.379-88	Rio Negrinho	SC	87	CLASSIFICADO
225	Grupo Junino Beija Flor do Sertão - Quadrilhas Juninas	Antonio Lucas Alves da Silva	069.004.843-28	Pimenteiras	PI	87	CLASSIFICADO
226	Folia de Reis de Cardoso Moreira	Jorge Ray da Silva Gomes	111.137.897-51	Cardoso Moreira	RJ	87	CLASSIFICADO
227	Reisado Baile Estrela	José Roberto Santana Santos	044.282.125-50	Moita Bonita	SE	87	CLASSIFICADO
228	Grupo Parafolclórico Xiquexique	Maria de Fátima Leonor Lima	359.988.653-91	Canindé	CE	87	CLASSIFICADO
229	Reisado Belas Estrelas	Ressana dos Santos	008.030.725-62	Santo Amaro das Brotas	SE	87	CLASSIFICADO
230	Kaburé Maracatu	Estevan Martins de Souza	615.917.859-87	For. do Iguaçu	PR	87	CLASSIFICADO
231	Rotaract Club de Ibitinga	Jean Ricardo Hernandez	383.831.318-60	Ibitinga	SP	87	CLASSIFICADO
232	Companhia arte na ruína	Maria de Lurdes Alves da Silva	321.827.672-15	Xapari	AC	87	CLASSIFICADO
233	Marujada de São Benedito- Subestação da Celpa Bairro Dom João VI	Antônia Francisca de Lima Sales	157.485.962-53	Capanema	PA	86,5	CLASSIFICADO

Premiação Culturas Populares Leandro Gomes de Barros – 2017



Reunião com a Folia Estrela Oriente do Bananal em 27-08-2017



Presépio do Arremate da Folia Estrela do Mar em agosto de 2017



Refeição oferecida a Folia de Reis da Cidade de Italva durante arremate em Julho de 2017.



Primeira fotografia da Folia de Reis Estrela do Mar comparada com a segunda fotografia em 2017.



Filhos do Mestre “belô” em 1997 apresentação da Folia de Reis Estrela do Mar, atualmente palhaço e sanfoneiro (respectivamente).

A gratidão desbloqueia a abundância da vida. Ela torna o que temos em suficiente, e mais. Ela torna a negação em aceitação, o caos em ordem, a confusão em clareza. Ela pode transformar uma reflexão em um toque, uma casa, um um lar, um estranho em um amigo. A gratidão dá sentido ao novo caminho, traz paz para o hoje, e cria uma visão para o amanhã. E você é merecedor de toda gratidão. Eu e toda minha folia agradecemos por tudo que tem feito por nós. Por isso nada mais que merecido do que homenagear você.

Obrigado querido amigo

Carta de agradecimento escrita pela esposa do Mestre “Belô” em agradecimento a mim, por ter ajudado a Folia nos editais e com maior visibilidade para o poder público.



Festival Nacional de Folia de Reis em agosto de 2017 - Entrada da Igreja São João Batista na cidade de Muqui no Espírito Santo.